

**PERMANÊNCIAS EM CATAGUASES:
A DECORAÇÃO DOS INTERIORES DAS CASAS MODERNISTAS.**

Carolina Souza Lage

**CENTRO UNIVERSITÁRIO
METODISTA IZABELA HENDRIX
Pós-graduação *lato sensu* em
Design de Ambientes e Cultura**

Orientadora:
Prof. Sandra Lemos Coelho

Belo Horizonte
2007

**PERMANÊNCIAS EM CATAGUASES: A DECORAÇÃO DOS
INTERIORES DAS CASAS MODERNISTAS.**

Carolina Souza Lage

Monografia submetida ao corpo docente da Pós-graduação em Design de Ambientes e Cultura do Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix de Belo Horizonte – MG, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de especialista.

Aprovada por:

Professora Sandra Lemos Coelho

Professora Luciana Rocha Feres

Belo Horizonte
2007

LAGE, Carolina Souza.

Permanências em Cataguases: a decoração dos interiores das casas modernistas / Carolina Souza Lage – Belo Horizonte: Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix, 2007. 72 p.

Orientadora: Prof.(a) Sandra Lemos Coelho

Curso de Especialização em Design de Ambientes e Cultura
Monografia: - Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix

1. Modernismo. 2. Patrimônio.
3. Análise das Residências Modernistas
4. Cataguases. I- Coelho, Sandra Lemos II. Título

CDU: 728(815.11)

*“No meio do Brasil, este Paraíso, com
solidões, com paisagens, com vida e
sonho _ um lugar para a formação
daquele homem humano, de que o
mundo inteiro está precisando...
Ah! Cataguases!...”*
(Cecília Meireles)

AGRADECIMENTOS

À Professora Sandra Lemos Coelho pela dedicação e incentivo.

Ao Professor Renato de Souza pela iniciação à pesquisa e valiosas sugestões.

Aos professores do curso de pós-graduação em Design de Ambientes e Cultura do Centro Universitário Izabela Hendrix que me despertaram para o tema desta pesquisa.

Ao meu noivo Leandro J. Moreira Vargas pelo apoio e carinho.

À minha irmã Carla Souza Lage pela colaboração nas medições e visitas.

Aos meus pais: Maria Aparecida R. Souza Lage e Antonio Carvalho Lage pela dedicação e confiança depositada.

A Cairu Teles Nunes e Nanzita (*In memoriam*) pela atenção e disposição em auxiliar a pesquisa.

Ao IEPHA (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais).

Ao Centro Universitário Izabela Hendrix.

À Sandra do DEEMPHAC (Departamento Municipal de Patrimônio Histórico e artístico de Cataguases – MG).

À Maria Cristina Inácio Peixoto Parreiras Henriques e Marcos Fernando C. A. Araújo pela disposição e confiança ao me oferecerem sua residência para pesquisa.

À Deus, porque sem Ele nada seria possível.

Enfim, a todos que de alguma forma me encorajaram, apoiaram e ajudaram nesses doze meses de pesquisa.

RESUMO

LAGE, Carolina Souza. Permanências em Cataguases: a decoração dos interiores das casas modernistas.

Orientadora: Professora Sandra Lemos Coelho

Belo Horizonte: Faculdade Metodista Izabela Hendrix, 2007.

A cidade de Cataguases – MG nos anos 40 destacou-se no cenário nacional pela sua contribuição ao modernismo brasileiro. As origens da literatura e da arquitetura modernista nesse local, com a criação da Revista Verde e seus colaboradores, especialmente Francisco Inácio Peixoto é objeto de estudo desta pesquisa. O objetivo do trabalho é contribuir para o estudo e preservação da arquitetura modernista em Minas Gerais. Assim, através de depoimentos pessoais, documentações, entrevistas e registros fotográficos analisamos o panorama arquitetônico residencial existente atualmente na cidade, com a elaboração de um estudo comparativo entre as duas residências mais significativas projetadas por diferentes arquitetos representantes do modernismo na época. Na presente conclusão estabelece-se um paralelo entre o estilo modernista e as características presentes nas residências aqui analisadas.

LISTA DAS FIGURAS

Figura 01. REVISTA Verde. Capa do primeiro número publicado.	15
Figura 02. FOTO dos escritores da Verde: Guilhermino César, Ascânio Lopes, Enrique de Resende, Rosário Fusco, Francisco Inácio Peixoto, do pianista Renato Gama, de Martins Mendesne Humberto Mauro nos estúdios de filmagens de Mauro, em Cataguases. Reprodução de quadro a óleo de Irrazabal, baseado em foto de 1928	15
Figura 03. CARTA de Oscar Niemeyer em resposta a Francisco Inácio Peixoto,1942.	21
Figura 04. CROQUI de Oscar Niemeyer para a Residência de Francisco Inácio Peixoto.	24
Figura 05. FACHADA da Residência de Francisco Inácio Peixoto, sala de estar, 1941. Arquiteto Oscar Niemeyer.	24
Figura 06. ENTRADA / fachada residência de Francisco Inácio Peixoto.	36
Figura 07. VISTA dos fundos da residência de Francisco Inácio Peixoto.	37
Figura 08. SALA DE MÚSICA. Vista do pilotis da residência de Francisco Inácio Peixoto. Mobiliário de Joaquim Tenreiro e retrato de Amelinha Peixoto, de Portinari.	38
Figura 09. PLANTA 1º pavimento da residência Francisco Inácio Peixoto, projeto de Oscar Niemeyer.	39
Figura 10. PLANTA 2º pavimento da residência Francisco Inácio Peixoto, projeto de Oscar Niemeyer.	40
Figura 11. BIOMBO de Anahoe y na copa. Mobiliário de Joaquim Tenreiro.....	41
Figura 12. LUSTRE de Ceschiatti na copa.	42
Figura 13. SALA íntima da residência de Francisco Inácio Peixoto com mobiliário de Tenreiro	42
Figura 14. JARDIM de entrada da residência de Francisco Inácio Peixoto, escultura de Jan Zack, paisagismo de Burle Max.	43

Figura 15. ESCULTURA de Jan Zack no jardim de Burle Max na residência de Francisco Inácio Peixoto.	44
Figura 16. DESENHOS originais de Joaquim Tenreiro para o mobiliário da residência de Francisco Inácio Peixoto.	44
Figura 17. CHAISE em tiras de couro de Joaquim Tenreiro para sala íntima da residência de Francisco Inácio Peixoto.	47
Figura 18. FACHADA da residência de Nanzita. Pannel de azulejos de Anísio Medeiros intitulado “Feira Nordestina”.	48
Figura 19. SALÃO da residência de Nanzita. Mobiliário de Joaquim Tenreiro.	50
Figura 20. QUARTO da residência de Nanzita, mobiliário de Joaquim Tenreiro e Pintura de autoria da artista.	50
Figura 21. SALA DE JANTAR da residência de Nanzita, mobiliário de Joaquim Tenreiro.	51
Figura 22. COZINHA da residência de Nanzita, mesa Eero Saarinem.	52
Figura 23. HALL-ÍNTIMO da residência de Nanzita, Cadeiras Harry Bertoia, pinturas da artista Nanzita.	52
Figura 24. PLANTA 1º pavimento residência Nanzita Alvim Gomes, projeto de Francisco Bolonha.	54
Figura 25. PLANTA 2º pavimento residência Nanzita Alvim Gomes, projeto de Francisco Bolonha.	55
Figura 26. SALÃO SOCIAL da residência de Nanzita, mobiliário de Tenreiro, pannel de Emeric Macier e pinturas da artista Nanzita.	56
Figura 27. SALÃO SOCIAL da residência de Nanzita, mobiliário de Tenreiro e pinturas da artista Nanzita.	57

SUMÁRIO

I.	INTRODUÇÃO.	10
II.	GÊNESE DO MODERNISMO VERDE EM CATAGUASES E SEUS DESDOBRAMENTOS.	11
II. 1 -	A Semana da Arte Moderna de 22 e o Movimento Verde em Cataguases.	11
III.	2 -Francisco Inácio Peixoto: escritor e incentivador da Arquitetura Moderna em Cataguases.	18
II. 3 -	O início da arquitetura modernista na cidade e seus desdobramentos.	21
II.4 –	A encomenda de projetos por uma clientela modernista.	26
III –	A RELAÇÃO DE CATAGUASES COM A PRESERVAÇÃO DE SEU PATRIMÔNIO CULTURAL.	29
IV-	CADA CASA UM CASO: ESTUDO DE DUAS RESIDÊNCIAS.	36
IV. 1 –	Residência de Francisco Inácio Peixoto.	36
IV.1.1 –	Breve histórico.	36
IV.1.2 –	Análise das características arquitetônicas, artes plásticas e mobiliário.	37
IV. 2 –	Residência Nanzita Ladeira Salgado Alvim Gomes.	48
IV.2.1 –	Breve histórico	48
IV.2.2 –	Análise das características arquitetônicas, artes plásticas e mobiliário.	50
V -	Estudo comparativo das características que definem o Estilo Modernista nas residências.	58
VI –	CONCLUSÃO	60
VII –	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61
VII –	ANEXOS	66

I – INTRODUÇÃO

O conceito de modernismo bem como a importância da pequena cidade de Cataguases em Minas Gerais para tal movimento é abordado na presente pesquisa. Destaca-se a importância da conscientização a respeito do patrimônio histórico brasileiro e sua respectiva conservação, que através da intelectualidade e sensibilidade artística de tantas personagens importantíssimas foi possível construir.

O estudo nos relata através de fatos históricos, entrevistas, imagens e outros, o admirável universo modernista da cidade e faz um resumo da seqüência cronológica do modernismo que tomou conta da cidade desde os anos 20, passando pelo cinema, literatura até a arquitetura.

A análise das residências com seus ambientes internos e externos e suas respectivas obras de arte e mobiliários, tem como objetivo contribuir para o estudo, divulgação e conscientização da sociedade sobre a conservação do patrimônio histórico modernista brasileiro.

II - GÊNESE DO MODERNISMO VERDE EM CATAGUASES E SEUS DESDOBRAMENTOS

II. 1 - A Semana da Arte Moderna de 22 e o Movimento Verde em Cataguases

Ao trabalharmos com o Movimento Moderno em Cataguases, inicialmente procuramos definir alguns conceitos relevantes para esta pesquisa tais como “*moderno*”. Segundo Cardoso (1977) o termo moderno deriva do latim *modernus*, igual a *modo*: recente, agora mesmo. Ou seja, que se opõe ao tradicional, defende a idéia de racionalidade, e, portanto, ruptura com o passado. Do *moderno* derivam outros termos tais como: modernidade, modernização, modernismo e etc.

Ainda segundo Cardoso (1977), a arquitetura moderna é um produto da civilização ocidental, tendo a arquitetura moderna brasileira como seu expoente principal Oscar Niemeyer, uma das personalidades que serão abordadas nesta pesquisa. Em definição mais abrangente, o moderno é defensor do progresso e da renovação e contra qualquer conservadorismo. Como movimento, o modernismo surgiu no final do século XIX e início do XX. No final da década de 20, as questões estavam centralizadas na renovação da arquitetura.

Chega ao Brasil, por ocasião do Centenário da Independência, a Semana da Arte Moderna que acontece entre os dias 11 e 17 de fevereiro de 1922 em São Paulo; com exposições de pintura, escultura, concertos, récitas e conferências reunindo escritores, poetas, escultores, pintores e músicos transformando as artes em geral no Brasil. (BENEVOLO,1998). Marco do modernismo brasileiro, a Semana da Arte Moderna de 22 se articula a um forte interesse pelas questões nacionais. De acordo com Cardoso (1977), a idéia teria vindo da atuação de Di Cavalcanti na organização, das esculturas de Brecheret e, sobretudo, da exposição de Anita Malfatti, em 1917.

Com as idéias revolucionárias de Mário de Andrade, Anita Malfatti, Oswald Andrade, Manuel Bandeira, entre outros; o movimento alterou decisivamente os caminhos da arte no séc. XX marcado por fortes mudanças que se refletiram nos costumes nacionais.

A principal bandeira levantada pelo modernismo brasileiro era a de criar uma arte genuinamente brasileira, como dirá Cardoso (SANT'ANNA, M. *apud* CARDOSO, 1977, p.120)_ “Ser moderno, no Brasil, equivalia a ser brasileiro”. A busca por essa nacionalidade torna-se então, um dos principais objetivos dos artistas modernistas que procuram construir uma identidade nacional. Passado o seu ápice, o Modernismo conseguiu estabelecer um novo padrão para as artes no Brasil.

O movimento irradiou-se para Cataguases, onde jovens escritores foram influenciados através de contatos por cartas com os paulistas Mário e Oswald Andrade e os mineiros Aníbal Machado e Carlos Drummond de Andrade e outros modernistas. Tal fato permitiu que os mesmos, em 1927, criassem a Revista Verde, com tendências modernistas, em defesa das novas idéias estéticas modernas da literatura. (GONÇALVES, 2005)

Inicialmente formada por: Francisco Inácio Peixoto, Rosário Fusco, Ascânio Lopes, Camilo Soares, Fonte-Boa, Enrique de Resende, Guilhermino César, Martins Mendes e Oswald Abritta. A revista foi editada entre os anos de 1927 e 1929 com interrupções ao longo deste período. O nome foi escolhido sem grandes elucubrações, como disse Henrique de Resende: _ “Verde quer dizer mocidade, e mocidade é insurreição”.(WERNECK, 1992, p. 62). A Revista tem referências feitas pelas maiores autoridades da literatura brasileira de então, um poema de Mario e Oswald Andrade intitulado “*Homenagem aos homens que agem*”, publicado em um dos números da revista, é um exemplo do alcance da Verde:

“Tassila não pinta mais Com verde Paris Pinta com Verde Cataguases	de Estravinsqui NUNCA! Ele é a mina Verde Cataguases
---	---

Os Andrades Não escrevem mais Com terra roxa NÃO! Escrevem com tinta Verde Cataguases	Todos nós Somos rapazes Muito capazes De ir ver de Forte Verde Os Ases De Cataguases”
---	---

Villa Lobos
Não compõe mais
com dissonância.

Poema de Mario e Oswald Andrade (BRANCO, 2002, p.82).

O projeto tomou proporções tais que nem mesmo seus idealizadores imaginavam. A revista (fig. 01) se configurou como importante registro histórico do renovador movimento modernista.



Fig. 01 – REVISTA Verde. Capa do primeiro número publicado.¹

E Cataguases passou a ser referência obrigatória no que dizia respeito à literatura modernista. A revista contribuiu para a solidificação do movimento em termos nacionais e internacionais, recebendo apoio, contribuição e reconhecimento de outros países da América Latina. Nacionalmente, vários jornais publicavam notícias e reproduziam artigos da Verde.

Surgem importantes colaborações e cartas de apoio de Ribeiro Couto, Mário e Oswald Andrade, entre outros. Em relação ao apoio de Oswald Andrade, Francisco Inácio Peixoto declara a Joaquim Branco e Márcia Carrano da revista Totem:

[...] Anos mais tarde, porém, encontrava eu situado na convicção do pouco mérito do nosso feito. E foi por isso que ouvi de Oswald de Andrade, mais constrangido do que envaidecido, esta confidência: _ Vocês não podem calcular o bem que nos fizeram, nem o que representou para nós a sua adesão. (BRANCO, 2002, p.118)

¹A repercussão alcançada pela Revista Verde aumenta as relações intelectuais do grupo, que recebe colaboração e sugestões diversas, duas cartas da Alcântara Machado a Rosário Fusco discutem o aspecto visual da revista: há dicas quanto à diagramação de textos e o acabamento gráfico demonstrando uma curiosa preocupação com a modernização de Verde. (ÁVILA, 1993)
Fonte: <http://www.asminasgerais.com.br/zona%20da%20Mata/UnivlerCidades/modernismo/artes_plasticas/humb013.htm> acesso em 12 de junho de 2007.

Também da Paraíba, o romancista José Américo Almeida envia uma “*Mensagem ao grupo Verde*” em forma de prosa:

Eu sonhei com vocês: todo Brasil espiando para Cataguases e Cataguases dando as costas a vocês.
 Cidade pequena é assim mesmo. Tem raiva de quem fica maior do que ela dentro dela.
 Vocês, poetas de cidade pequena (grupo n.4) fizeram de Cataguases uma cidade grande. Porque é grande tudo que se vê de longe, inclusive certas coisas pequenas.
 Queiram bem a Cataguases que não quer bem a vocês, Cataguases é pequena, mas vocês só são grandes porque são poetas de Cataguases.
 (BRANCO, 2002, p.83. *apud* ALMEIDA, 1929, p.3)

No trecho citado, fica clara certa reação da cidade ao movimento. Na cidade provinciana de então, era de se esperar que uma revista como a Verde não tivesse grande aprovação.

Procuramos esclarecer a pergunta, sempre pertinente: porque Cataguases? Vê-se que nos anos de 1920, a cidade possuía uma escola primária estadual e duas escolas secundárias. No início de 1910 era exportadora de têxteis e desde 1908 já possuía energia elétrica, enquanto que em 1930, apenas 5% dos brasileiros usavam iluminação elétrica. (RUFFATO, 2002)

Entre os fatores culturais, que contribuíram para o surgimento da Verde, ressalta-se o clima instaurado na cidade pelo cinema que trazia do Rio de Janeiro técnicos e artistas com informações a respeito das mudanças ocorridas nos grandes centros do mundo. Além disso, o cinema de Pedro Comello e Humberto Mauro, primava pelo nacionalismo, bandeira também levantada pelos escritores do movimento Verde. Os escritores da revista visitavam freqüentemente os estúdios da *Phebo Films*, local onde aconteciam as gravações dos filmes (fig. 02). (BRANCO, 2002). Como disse Werneck (1992, p.68): “é espantoso que dois movimentos tão vivos, um na literatura, outro no cinema, coexistindo na mesma cidadezinha, jamais tenham se entrelaçado...”. Hoje podemos dizer que assim como Humberto Mauro é referência para o cinema brasileiro, Cataguases é para o movimento modernista do país.



Figura 02 – Em pé: Guilermino César, o pianista Renato Gama, Martins Mendes, Ascânio Lopes; sentados: Enrique de Resende, Rosário Fusco, Francisco Inácio Peixoto; e Humberto Mauro (encostado no corrimão), nos estúdios de filmagens de Mauro, Cataguases. Reprodução de quadro a óleo de Irrazabal, baseado em foto de 1928. Fonte: (BRANCO, 2002)

No que diz respeito à relação do cineasta com os rapazes da Verde, Francisco Inácio Peixoto declara já na década de 80:

Foi pena que não houvéssimos atentado para o trabalho de Humberto Mauro [...] pena que assim acontecesse. Mas a verdade é que maior que o nosso, era o desinteresse de Humberto pela Verde. Foi pena, mas estávamos taco a taco. [...] A arte de Humberto Mauro era destinada às multidões; a nossa, uma elucubração solitária reservava-se a poucos e duvidosos receptores. (WERNECK, 1992, p.73 e 74)

Já a pedido de Paulo Augusto Gomes, Francisco Inácio Peixoto em depoimento, é mais incisivo:

Parece-me estranho, hoje, que os rapazes da VERDE nenhum relacionamento tivessem com Humberto Mauro, se não aquele de amizade antiga que se oferecia e estreitava em encontros gratuitos e esporádicos em cidade pequena. Seus filmes, então, só nos interessavam em limites estritamente folclóricos: ver na tela gente de Cataguases trabalhando de ator de cinema, provocando ruidosas manifestações das torrinhãs(...) Homens de muitos ofícios jamais se ligou à gente a não ser para bate-papos (...) Ninguém como ele para contar um caso ou caricaturar um dos tipos municipais(...) Foi pena que não houvéssimos atentado para o trabalho de Humberto Mauro. (...) Pena que assim acontecesse. Mas a verdade é que, maior do que o nosso, era o

desinteresse de Humberto pela VERDE. Foi pena, foi, mas estávamos
taco-a-taco.
(PEIXOTO, 1980, s.d.)

À parte fatos culturais e sociais, também o comércio e indústrias locais financiavam a revista, através da burguesia aliciada pelos sobrenomes dos jovens estudantes, com boa vontade em constituir rendimentos futuros e prestígio social. A revista também recebeu ajuda dos escritores modernistas de São Paulo com assinaturas e vendas avulsas. (RUFFATO, 2002)

Com sua função de canal de expressão dos grandes centros solidificada, a revista Verde teve seu fim em maio de 1929. Era uma publicação dedicada à memória de um de seus poetas; Ascânio Lopes, que, segundo Ruffato (2002) parece ter causado desânimo nos companheiros. Também a precariedade dos recursos e a dispersão de seus fundadores colaboraram para o fim. (FARIA, 1984)

Já nos anos 40, Rosário Fusco tenta relançar a Verde, mas fracassou por falta de apoio. Inclusive por falta de colaboração de escritores como Carlos Drummond de Andrade. De acordo com Werneck (1992, p.68) _ “... talvez por não verem sentido na ressurreição, tantos anos depois, de uma revista que já cumprira e bem, o seu papel”. Além dos seis números da Revista, a Verde, em 1928 e 1929, também editou alguns poucos livros de autoria dos escritores da mesma.

A repercussão do modernismo em Cataguases deveu-se primeiramente, em função da origem da Revista Verde, que ofereceu uma resposta positiva sobre a possibilidade da produção cultural em regiões externas às metropolitanas. “Cataguases representou em escala nacional, o mesmo que o Brasil em escala internacional”.(MORAN, 1992)

Francisco Inácio Peixoto, filho do industrial e comerciante português, Manoel Inácio Peixoto e também escritor da Verde, continuou a trabalhar com vistas a uma modernidade, empregando seu prestígio social e pessoal em empreendimentos culturais e sociais tornando-se personagem principal do processo de continuação do modernismo na cidade, notoriamente através da arquitetura (ALMEIDA, 2004).

O interesse dos arquitetos e artistas em divulgar seu trabalho, os levou a Cataguases, onde faziam sua nova arquitetura modernista além de consolidarem sua projeção no contexto arquitetônico internacional.

II. 2 - Francisco Inácio Peixoto: escritor e incentivador da Arquitetura Moderna em Cataguases.

Francisco Inácio Peixoto, nasceu em Cataguases no dia 5 de abril de 1909. Em 1927, foi para Belo Horizonte estudar direito na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e no ano seguinte completou o mesmo curso no Rio de Janeiro, onde se tornou amigo dos maiores intelectuais da época. Formou-se em 1930 no Rio de Janeiro e em 1931 casou-se com Amélia Drummond de Carvalho, passando a residir em Cataguases. Em 1932 retorna ao Rio de Janeiro onde trabalhou como advogado até 1936, voltando então, definitivamente, a Cataguases. Mais tarde, em 1939, assumiu a diretoria das Indústrias Irmãos Peixoto. (ALMEIDA, 2004)

Ainda de acordo com a autora supracitada, Francisco Inácio fez amizade com Marques Rebelo, Walter Benevides, Adelino Magalhães, Prudente de Moraes, Rodrigo de Mello Franco; jovens escritores estes, que foram de grande importância na troca de idéias e apoio na expansão modernista Cataguasense.

De volta à cidade, recebia escritores e artistas plásticos, e entre os anos 1930 e 1970, freqüentaram sua casa _ Marques Rebelo, Lúcio Cardoso, Aldary Toledo, Niemeyer, Bolonha e outros _ deixando de diferentes maneiras, suas influências na cidade através da literatura, arte e arquitetura (BRANCO, 2002). Em depoimento concedido a Mariana Cândida em março de 2003, Josélia Peixoto de Medeiros confirma:

Em 1934, quando morava no Rio, a residência do tio Francisco era muito freqüentada por Marques Rebelo (que era advogado também), Cardillo Filho (advogado), Walter Benevides (médico). As Faculdades de Direito e Medicina ficavam no Catete. Assim, a amizade dos tempos de Faculdade continuou. Muitos estudantes moravam em pensão, e o entrosamento entre eles era grande.
(ALMEIDA, 2004)

Por iniciativa de Francisco Inácio, foram implantados na cidade nos anos 40, uma série de projetos arquitetônicos modernos, o que influenciou a muitos proprietários de imóveis da cidade a contratarem arquitetos, pintores e escultores de renome. Graças a Francisco Inácio

Peixoto, pode-se encontrar hoje em coleções particulares trabalhos de *Marie Laurecin, Utrillo, Lurçat, De Chirico, Portinari, Di Cavalcanti, Guinard, Tanguy, Picasso, Toulouse-Lautrec, Borés, Petoruti, Asselin, Cícero Dias, Djanira, Marcier, Joan Miro, Heitor dos Prazeres, Pancetti, Lasar Segall, Manabu Mabe, Santa Rosa*. (RUFFATO, 2002)

Foi com a ajuda de Marques Rebelo, que Francisco Inácio começou a grande renovação arquitetônica na cidade. Sob sua iniciativa, vários empreendimentos transformaram a pequena Cataguases em laboratório de artistas, logo reconhecidos internacionalmente como: Oscar Niemeyer e Joaquim Tenreiro. A amizade e afinidade intelectual entre Peixoto e Rebelo, já citado, se confirma no trecho da entrevista que Francisco Inácio concede ao jornalista e escritor Alexandre Eulácio:

Difícil falar de Marques Rebelo, ou que representa ele na minha vida. Já procurei fazê-lo: primeiro em tom leve, um artigo publicado na “Manchete”; recentemente um poema. É claro que do nosso comércio intelectual me beneficiei; e, Cataguases também pelo muito que ele trabalhou por ela. (ALMEIDA, 2004, p.27)

Fato também confirmado pela sobrinha Josélia Peixoto de Medeiros em 2003: “Marques Rebelo era mais que um irmão: consideração, amizade, afinidade. Marques se realizava nessa troca de intelectualidade com o tio Francisco, característica que se estendia a outras pessoas”. (ALMEIDA, 2004, p.106)

Sempre por intermédio de Marques Rebelo, os arquitetos: Aldary Toledo, Gilberto Lemos, Francisco Bolonha, Carlos Leão, os irmãos Roberto, Edgar Guimarães do Valle e Burle Max _ esse no paisagismo _ projetaram obras modernistas na cidade.

De acordo com Miranda (s.d.), ao longo dos anos 1950, são feitos uma série de painéis e esculturas que irão compor o ambiente modernista da cidade dos autores: *Jan Zack, Djanira, Anísio de Medeiros*, e outros.

Francisco Inácio Peixoto, declarou em uma de suas últimas entrevistas, que Cataguases havia sido um grande equívoco, segundo o arquiteto Antonio Luiz Dias de Andrade,

“pensando assim justificar o insucesso de seu empenho em moldar a cidade à imagem do projeto professado pelos arquitetos modernos” (ANDRADE,1994, p.49). Porém, em depoimento (anexo I), a filha de Francisco Inácio, Maria Cristina nos relata:

O papai era saudosista, quando ele percebeu que a coisa extrapolou _ por exemplo, ele não gostava da Igreja, achava que não devia ter desmanchado a antiga, e nem o cinema_ o cinema ele não teve como influenciar (...)O que ele influenciou foi entregar ao arquiteto (Aldary Toledo) o cinema.E depois falaram que ele se arrependeu, não é arrependimento, é a coisa do momento ...ele percebeu que deveria ter mandado “não construa nada”,(...).Porque extrapolou, eles foram desmanchando tudo, não era pra desmanchar tudo. (HENRIQUES, Cristina Inácio Peixoto Parreiras, 2007)²

Francisco Peixoto introduziu as imagens idealizadas de um mundo novo na arquitetura da cidade, logo assumidas pelas elites, que recorreram aos mais renomados e competentes profissionais, comprometidos com o ideário do modernismo, para edificar suas residências, prédios comerciais, instituições culturais, educacionais e religiosas, monumentos, etc., enriquecendo-os com notáveis obras de arte e mobiliário inovador. Os espaços antigos e simbólicos da cidade _ igreja, cinema, colégio e outros - se transformaram em verdadeiros expoentes da arquitetura moderna. (ANDRADE, 1994)

² Entrevista completa, ver anexo I.

II. 3 – O início da arquitetura modernista na cidade e seus desdobramentos

No início da década de 40, Francisco Inácio decide construir sua residência, no Rio de Janeiro propõe ao jovem Oscar Niemeyer a elaboração do projeto arquitetônico.

Na mesma época era concluída a obra do edifício do MEC no Rio de Janeiro _ atual Palácio Gustavo Capanema _ e o governador de Minas Gerais, Juscelino Kubistschek, encomendava o projeto para o conjunto da Pampulha. Cataguases e Belo Horizonte participaram ao mesmo tempo, de um processo de renovação da arquitetura e dos costumes. (SANTOS, C. ; LAGE, C. 2005)

Oscar Niemeyer fala à respeito de sua relação com Francisco Peixoto:

O Francisco Peixoto me chamou para elaborar o Colégio, e depois a casa dele. Foi um encontro muito agradável porque ele era escritor, um homem inteligente, de modo que o trabalho foi realizado com muito prazer. Eu estava começando a trabalhar, tinha projetado Pampulha, mas tinha especial cuidado neste projeto, porque era pessoa de minha amizade. Portanto, conheço Cataguases de duas visitas há 40 anos [...]. (BRANCO, 2002, p. 115)

O contato entre o arquiteto e o cliente fica comprovado nas várias correspondências entre os mesmos durante a construção da residência (fig. 03). Através delas, Francisco Inácio esclarece suas dúvidas a respeito do projeto e as respostas de Niemeyer vêm inclusive com ilustrações. (anexo II).



Figura 03 – CARTA de Oscar Niemeyer em resposta a Francisco Inácio Peixoto, 1942.

Fonte: IEPHA

Por ocasião do falecimento de Peixoto, em janeiro de 1986, Rebelo declara ao Jornal Tribuna de Minas que “quando fosse escrever a história do progressismo brasileiro, muito teria de ser dito a respeito de Francisco Inácio Peixoto”.(RUFATO, 1986, p.01)

Também reconhecendo em Peixoto figura essencial na produção da arquitetura moderna em Cataguases, Aldary Toledo afirma:

Aí, sou obrigado a fazer justiça. Sempre disse que a Arquitetura de Cataguases, aliás, não só a Arquitetura, Arte Moderna e tudo que aconteceu lá deve-se a uma pessoa chamada Francisco Inácio Peixoto. O movimento inicial foi dele. (COUTO, 2005, s.d.)

Na residência de Francisco Inácio colaboraram o paisagismo de Burle Max, o mobiliário de Joaquim Tenreiro e esculturas de José Pedrosa e Jan Zach. É Burle Max que comenta: “Meu relacionamento com os contatos que tinha na cidade era muito amigável [...] passaram-se anos, mas não esqueci de Cataguases e nem do Peixoto [...]” (COUTO, 2005, s.d.).

Em entrevista concedida à revista Totem, sendo indagado a respeito do significado de Cataguases em sua vida, Francisco Inácio Peixoto declarou: _ “Que sentido? Cataguases não tem sentido”. (BRANCO, *et. al.* 1979, s.d.) E completou dizendo que tentou se livrar de Cataguases, mas tudo que tentou fazer na cidade fracassou. Afirmando modestamente que a única coisa pura que existia na cidade era sua própria residência. Em um depoimento concedido à Mariana Cândida, em 2004, as filhas Bárbara e Maria Isabel Inácio Peixoto confirmam: _ “No final da vida, desencantou-se com Cataguases. “Um equívoco”. Para ele, a Verde foi coisa de criança, de meninos”.(ALMEIDA, 2004, p.107)

A decepção de Francisco com Cataguases talvez se deva à reação inicial da população frente à arquitetura inovadora de sua residência, que não foi das melhores, assim como aconteceu com a Revista Verde, Peixoto comenta também em entrevista à Totem: _ “Chegaram a fazer graça comigo, se isto era posto de gasolina”. (BRANCO *et. al.* , 1979, s.d.)

Sob o clima de renovação da arquitetura e artes plásticas moderna, Cataguases foi inserida no cenário artístico nacional. Uma circunstância especial contribuiu para a realização de tais obras na cidade. O primeiro prefeito eleito em Cataguases, com o término do período Vargas é João Inácio Peixoto, que entre 1947 e 51 apoiou as iniciativas de Francisco Inácio Peixoto (MIRANDA, 1994.).

O projeto e execução da residência de Peixoto, assim como das residências modernistas posteriores como as de José Pacheco, José Peixoto e Ottonio Alvim Gomes definem as novas propostas no âmbito da arquitetura residencial cataguasense. Tendo como princípios básicos: a valorização dos ambientes em vários níveis e integrados aos jardins e varandas, a composição da fachada, a habilidade no emprego dos materiais realçando suas plasticidade, o desenho minucioso dos detalhes, o paisagismo e a inserção da pintura e da escultura (MIRANDA, 1994).

A cultura modernista torna-se então uma formadora de identidade para elite local, sendo um instrumento de afirmação sócio-econômica e instrumento de transformação da sociedade. O cliente Francisco Inácio Peixoto faz de sua residência cartão de apresentação do modernismo na cidade (BARAÇAL, 1993).

A solução arquitetônica da residência era revolucionária para uma cidade do interior, onde a maioria das residências era tradicional e voltada para rua. Nela, muitos ou quase todos os postulados da arquitetura modernista são aplicados, como por exemplo: integração entre ambientes internos e externos com vistas para o jardim e esculturas femininas de José Pedrosa e Jan Zach. A sala da residência é dividida em 3 níveis com ambientes distintos, porém interligados. A estrutura em concreto armado, a racionalidade dos partidos e os pilotis com grande liberdade nas plantas e fachadas (fig. 04). “A casa é simples, confortável e bem resolvida”, nos dizeres do próprio arquiteto, 50 anos depois (WERNECK, s.d., p.27).

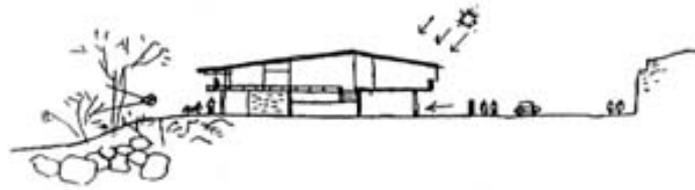


Figura 04 - CROQUI de Oscar Niemeyer para a Residência de Francisco Inácio Peixoto.

Fonte: L'Architecture d'aujourd'hui. Paris, n. 42-43, 1952, p. 83 *apud* Couto, 2005.

Logo a casa construída, Peixoto se indagava a respeito dos móveis a serem usados nela. Antes mesmo, por volta de 1929/30, Peixoto conhece a marcenaria *Laubisch E Hirth* no Rio. Em 1943 retorna a essa marcenaria, onde foi apresentado a Tenreiro, designer de móveis português. Por indicação de Oscar Niemeyer, Peixoto designa a Tenreiro a criação dos móveis de sua residência (BARAÇAL, 1993). No que diz respeito ao interior da residência, em especial seu mobiliário, Joaquim Tenreiro relata: “Quando o cliente veio ver o projeto, logo arregalou os olhos e disse: era isso que eu queria”. (WERNECK, s.d., p.27)

Nesse momento, segundo Tenreiro *apud* (WERNECK, s.d.), teve início sua história com o móvel moderno. Francisco Inácio abriu-lhe a possibilidade de desenvolver e mostrar sua criatividade acompanhando a poética da nova arquitetura. Surgiram então, móveis de linhas curvas expressando liberdade no espaço. Assim, o mobiliário moderno na cidade está intimamente ligado à modernidade do móvel no Brasil (BARAÇAL, 1993).



Figura 05 – FACHADA da Residência de Francisco Inácio Peixoto, sala de estar, 1941. Arquiteto Oscar Niemeyer. Foto da autora, 2007.

No fim dos anos 40, boa parte do acervo arquitetônico moderno estava consolidado colocando a cidade como um dos ícones do modernismo brasileiro, tendo servido como base de criação e experimentação de renomados artistas.

Segundo Miranda (1994), Peixoto e Rebelo conseguem espaço para Cataguases em várias publicações e a consagração vem em 1952 com a matéria intitulada *Audaces d'Architecture et d'Art*, publicada pela revista *L'Architecture d'Aujourd'Hul*, uma das mais famosas revistas especializadas de arquitetura.³ Nela, um artigo sobre a cidade e quase todos os projetos executados até então. A publicação produziu efeito significativo para Cataguases que entrou novamente no cenário nacional como desdobramento do movimento Verde na Literatura.

De acordo com Baraçal (1993), nas décadas de 40 e 50, a arquitetura moderna de cataguases serviu de base para outras manifestações artísticas, propiciando a introdução e a valorização do mobiliário, alguns destes centenariamente reconhecidos na Europa. O mobiliário modernista cria um diálogo com a arquitetura e o usuário.

Portanto, Cataguases acumulou um rico e precioso acervo: objetos, documentos, edificações, ruas e praças revelam a sua história. Preserva a sua memória e reafirma sua presença no contexto da cultura nacional (ANDRADE, 1994).

³ CATAGUASES. *L'Architecture d'Aujourd'Hul*, Paris, nºs.42-3, p.82-9, ago.1952.

II- 4 – A encomenda de projetos por uma clientela modernista

Refletir sobre a modernidade brasileira através da mineira Cataguases envolve pessoas e instituições, a cooperação entre o Poder Público _ municipal, estadual e federal _ a colaboração da comunidade e o apoio de empresas, entidades e profissionais. Cataguases é uma contribuição para a complexa geografia histórica do modernismo. Cataguases olhada como lugar onde o turbilhão da *criação destrutiva* e da *destruição criadora*, própria da modernidade, confere a artistas e pensadores uma posição especial (LAGE, C. *in*: ÁVILLA, 1994).

Segundo Albano (1994), a criação modernista na cidade antecipou desde os anos 20, tendências que se consolidaram. A clientela burguesa surge como elemento decisivo na produção e na difusão de bens culturais, representada na figura de empresários tão modernos quanto os artistas que participaram. Essa mesma burguesia tornou possível a concretização do Ciclo Cinematográfico de Cataguases, abrindo o foco sobre a expressiva participação dos artistas e intelectuais da cidade para se desvendar o papel de Minas na Semana da Arte Moderna de 1922.

O principal mecenas _Francisco Inácio Peixoto_ apoiado pelo amigo Marques Rebelo e por diversos fatores circunstanciais, dá início à tarefa de renovação da cidade. E no espaço de uma década, construiu-se um acervo arquitetônico ampliado na década de 50 por inúmeras outras realizações. Participaram arquitetos de primeira grandeza no quadro da nova arquitetura: Aldary Toledo, Carlos Leão, Francisco Bologna, Flávio de Aquino, Edgar do Valle e os irmãos Roberto. Através de Niemeyer, a quem havia encomendado o projeto de sua própria residência e do Colégio, Peixoto traz a Cataguases Candido Portinari (MIRANDA, 1994).

A vasta correspondência entre Francisco Inácio Peixoto e o museólogo e escritor Marques Rebelo (anexos III e VI) denuncia uma cumplicidade cultural, com comentários sobre cinema, literatura e a orientação do Marques Rebelo impulsiona a compulsão de colecionador de arte de Francisco Peixoto, assim como indica peças para o Museu da

cidade, para coleção da senhora Josélia Pacheco e de outros. A partir da construção do Colégio e de outros edifícios públicos há um convívio cotidiano da população com a modernidade, e a de maior poder aquisitivo adquiriu acervos modernos que propiciaram o surgimento de coleções de artistas nacionais e internacionais como: Jean Lucart, Maurice Ultrillo, E. Machet, Petorucci, Di Cavalcanti, Muller Kraus, Oswaldo Goeldi, Francisco Borés, Iberê Camargo, Vicente do Rego Monteiro, Cícero Dias, Jan Zach, Van Rogger, Emerick Marcier, Anísio Medeiros, Santa Rosa, Portinari, Milton da Costa, Picasso (litogravura), Guinard. Em 1956, Candido Portinari e Bruno Giorgi, estes últimos, foram contratados para realizarem um painel e uma escultura que comporiam parte do projeto arquitetônico de Francisco Bologna erguido em homenagem a José Inácio Peixoto. No início dos anos 60, Djanira cria o painel de azulejos para a Igreja Santa Rita. De acordo com ÁVILA:

É possível, portanto, compreender que se o movimento literário de 27 deixou a semente da modernidade, essa deu frutos, se não em artistas locais ao menos numa vontade modernista, que transformou a cidade num grande Museu de concepções novas, abertas a releituras constantes e que se revela a cada geração num impulso de movimento, seja na criação, seja na importância de tendências artísticas avançadas (ÁVILA, 1994, p.21).

Outros arquitetos vão deixar suas marcas na paisagem urbana, tais como Luzimar Cerqueira de Góes Telles, que trouxe para cidade o mobiliário da *Domus* e desenvolveu inúmeros projetos, entre eles as residências de Hugo Lanna, Francisco Tavares Noletto, os edifícios do Banco do Brasil, Fórum e Hospital Cataguases, diversos estabelecimentos industriais e comerciais, além da reforma das praças Santa Rita e Rui Barbosa. A arquitetura de Flávio Almada também enriquece o acervo arquitetônico de Cataguases, entre elas o Clube Meca e a escola Antonio Amaro. Igualmente a Igreja Nossa Senhora do Rosário, projeto monumental de Aldary Henriques de Toledo.

No colégio Cataguases, Portinari executa o afresco “Tiradentes”. Vieram os museus, um de arte moderna, outro de arte popular, em seguida as esculturas e pinturas. Em alguns anos, Cataguases se afirmava como uma expressão legítima de uma arquitetura moderna.

Os primeiros programas arquitetônicos propostos por Peixoto já nos permitem refletir sobre a natureza de sua motivação e os objetivos de sua iniciativa. A casa representa a mudança na esfera doméstica e a escola remete ao âmbito público, como elemento de formação de uma nova mentalidade (ÁVILA, 1994, p.08).

De acordo com a autora supracitada, em outubro de 1948, o jornal *O Estudante*, anuncia a visita de Portinari em companhia dos arquitetos Oscar Niemeyer, Hélio Uchoa, Duprat, e Paulo Werneck, para a execução do painel “Tiradentes”. Nos anos 70, Francisco Inácio Peixoto luta contra o abandono do patrimônio artístico do Colégio Cataguases e pela restauração e conservação do painel. Após inúmeras tentativas sem sucesso, o painel é vendido para o Governo do estado de São Paulo, e encontra-se hoje no Memorial da América Latina.

Cataguases e suas imagens presentes no cinema, na literatura, nas artes plásticas, na arquitetura e no mobiliário foram identificadas e documentadas com o cuidado de não romper a ligação entre a memória e imaginação. Não se tem notícia da injeção de recursos públicos na formação do mais importante pólo da modernidade em Minas Gerais. Foi a iniciativa privada local que promoveu a invasão de Cataguases pela arquitetura, pelas artes plásticas e pelo design.

III – A RELAÇÃO DE CATAGUASES COM A PRESERVAÇÃO DE SEU PATRIMÔNIO CULTURAL

Para estabelecer a relação da população de Cataguases com a preservação de seu patrimônio, precisamos inicialmente esclarecer o conceito de “patrimônio cultural”. De acordo com Márcia Braga:

Entende-se por patrimônio cultural todo aquele que, sendo objeto, construção ou ambiente, a sociedade atribua valor especial, estético, artístico, documental, ecológico, histórico, científico, social ou espiritual e que constitua um patrimônio cultural a transmitir às gerações futuras (BRAGA, 2003, p.7).

Para Camisassa: (*apud* CARDOSO, 1977, p.84) – “Uma política de preservação de monumentos urbanísticos pressupõe a caracterização objetiva do que se pretende preservar, assim como a compreensão das implicações dessa preservação para a população envolvida”.

Lúcio Costa e Mário de Andrade _ expoentes do modernismo brasileiro _ se envolveram na organização do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, criado em 1937. Lúcio Costa foi colaborador do SPHAN, posteriormente se tornando funcionário da instituição; Mário de Andrade foi autor do anteprojeto que embasou a formação da agência estatal, a pedido de Gustavo Capanema. Assim, até a década de 60, o patrimônio histórico e artístico nacional era uma construção modernista. Essa relação dos modernistas com as instituições públicas como SPHAN, tem como objetivo a divulgação e afirmação de suas idéias e a busca da instituição de uma arte brasileira (SANT’ANNA, M. *apud* CARDOSO, 1977).

No caso de Cataguases, o patrimônio arquitetônico modernista, geralmente é valorizado de acordo com a idéia de conjunto urbano, devido à proximidade entre as obras e o volume de arquitetura moderna. O tombamento nacional do Conjunto Histórico, Arquitetônico e Paisagístico da cidade é caracterizado pela diversidade de construções arquitetônicas existentes: residência, igreja, colégio, cinema, hotel, maternidade, praça, monumento, vila operária (COUTO, 2005).

Em meio aos trabalhos da Regional do IPHAN na cidade, mais precisamente em fevereiro de 1995, 10 meses antes da decisão de tombamento, houve na Câmara Municipal a votação para um novo “Código de Zoneamento, Parcelamento, Ocupação e Uso do Solo Urbano” (leis nº 2427 e 2428), este não traduzia nenhuma das preocupações com a preservação que estavam em discussão, chegando inclusive a se contrapor ao tombamento. Segundo Cecília Rodrigues dos Santos e Claudia Márcia Freire Lage:

Com a mudança de gestão municipal, o Conselho Municipal demorou três anos para ser criado e quando finalmente passou a funcionar tinha caráter consultivo e não deliberativo, e funções amplas, abrangendo todas as questões culturais do município, porém não contando com representações de órgãos e instituições que pudessem colaborar na aplicação dos critérios de tombamento. Paradoxalmente, na mesma ocasião, estimulada por uma legislação estadual que beneficia financeiramente os municípios com patrimônio protegido, a prefeitura tombou através de decreto municipal a mesma poligonal definida pelo IPHAN, da qual continuava discordando na prática de sua gestão. (SANTOS, Cecília Rodrigues dos, LAGE, Claudia Márcia Freire., 2005. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp273.asp>>)

Então, a Regional do IPHAN em Minas Gerais associou-se à Regional do IPHAN em São Paulo para análise dos processos visando à aprovação de novos projetos e transformações na área tombada, e com a Universidade Federal de Viçosa através de projeto de pesquisa da arquiteta Marta Camisassa, iniciou a elaboração do necessário inventário de conhecimento da cidade. Conjuntamente, conduziram pesquisas, estudos e conversações com a Prefeitura, na busca de um consenso que permitisse a preservação da cidade de Cataguases, considerando os critérios e justificativas do seu tombamento bem como as necessidades da cidade (SANTOS, C. ; LAGE, C. , 2005).

Assim, o patrimônio cultural de Cataguases, recebeu proteção Federal IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) somente em 17/02/2003 (anexo V), através da sua inscrição no Livro do Tombo Histórico, das Belas Artes, das Artes Aplicadas, bem como no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico (ANDRADE, 1994). O Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural/ IBPC, através da 13ª Coordenação Regional em Minas Gerais, e a Prefeitura Municipal de Cataguases, vêm trabalhando em parceria desde

1988, com o Projeto Memória e Patrimônio Cultural de Cataguases, que pesquisou a memória oral, visual e documental, além de inventariar os bens culturais imóveis, móveis e integrados. Ampliou-se para Projeto Cataguases: Um Olhar Sobre a Modernidade - proposta do Instituto dos Arquitetos do Brasil - Departamento de Minas Gerais/IAB - MG, que encontrou apoio na Secretaria de Estado da Cultura, no Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de Minas Gerais/ IEPHA e na população de Cataguases (ÁVILA, 1994).

O patrimônio cultural de Cataguases foi também registrado através de dois documentários em vídeo, produção da TV Minas. O primeiro, *Cataguases: um olhar sobre a modernidade brasileira*, em 1988 e o segundo, *Cataguases: Patrimônio da modernidade*, em 1994, além de painéis fotográficos e slides que integraram a exposição, *Cataguases: um olhar sobre a modernidade*, montada no espaço da Fábrica Irmãos Peixoto, em fevereiro de 1994 (Acervo da Secretaria Municipal de Cultura, Prefeitura Municipal de Cataguases). Nesta mesma data, uma reprodução fotográfica do painel *Tiradentes*, de Cândido Portinari, passou a ocupar o espaço para o qual fora criado no Colégio Estadual, doada pelo Memorial da América Latina.

Ainda segundo (SANTOS, C. ; LAGE, C. 2005), é importante ressaltar o fato de que a preservação e o movimento de renovação modernista de Cataguases é íntegro, envolvendo todas as expressões artísticas das quais se constituiu: paisagismo, mobiliário e obras de arte dos edifícios. O processo de tombamento considerou os bens no contexto da cidade e sua historiografia, e não de seus respectivos autores. Como podemos observar no mapa de obras tombadas pelo IPHAN (anexo VI).

De forma mais abrangente, o conceito social do patrimônio cultural deve ser entendido sob a co-responsabilidade entre governo e população. Tendo o governo obrigações constitucionais de proteção do patrimônio, é instrumento de cidadania para a população, e cabe a ela a participação ativa em sua preservação (CARSALADE, 2007).

O cuidado com o patrimônio no Brasil está geralmente ligado à elite. É importante que as empresas conheçam e compreendam as leis de incentivo à cultura e que as comunidades saibam de seus direitos e deveres com relação aos bens patrimoniais. No entanto, a maioria

da população _ insere-se aqui também o caso de Cataguases _ sente-se alienada em relação ao patrimônio. Devemos então, promover a preservação do patrimônio democratizando a informação e a educação. E ainda mais importante: trabalhar, como pesquisadores acadêmicos ou como cidadãos, com intuito de reconhecer, divulgar e preservar o patrimônio cultural brasileiro (FUNARI, 2002).

Através do tombamento é concedido ao bem cultural um atributo para que nele se garanta a continuidade da memória. É um ato de reconhecimento do valor cultural de um bem, que o transforma em patrimônio oficial e institui regime jurídico especial de propriedade, levando-se em conta sua função social ⁴ (IEPHA, s.d.).

No caso de demolições, reformas ou novas construções, o imóvel tombado fica sujeito à anuência prévia do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Os demais imóveis não inventariados no interior do perímetro estarão totalmente liberados do controle do IPHAN, subordinando-se, tão somente, às posturas municipais.

Um dos maiores problemas da preservação é a ausência de mecanismos jurídicos efetivos de compensação ao proprietário do bem tombado. Em Cataguases, muitos se queixam da falta de apoio dos órgãos governamentais e acabam tendo que manter a residência com seus próprios recursos. Apesar do grande desejo de conservar e colaborar para os estudos da arquitetura modernista brasileira, os proprietários das residências acabam vendendo ou leiloando obras importantíssimas que fazem parte de seus acervos para arrecadarem dinheiro para reformas, como foi o caso da última reforma por que passou a residência de Francisco Inácio Peixoto.⁵

Vale ressaltar que o Tombamento é uma das formas de preservação do patrimônio por parte do poder público. A questão não gera controvérsias quando se trata de um bem público, mas ao lidarmos com um bem particular, há uma grande oposição. O patrimônio ambiental urbano pertence a todos os habitantes da cidade, trata-se de um *bem* cuja preservação é de interesse coletivo. Assim, o direito de propriedade individual fica sujeito às limitações

⁴ Encontrado em: www.iepha.com.br, acesso em setembro de 2007.

⁵ Fato relatado em entrevista, ver anexo I.

impostas pelo Poder Público. Como já dissemos, este fato é bastante complexo, pois contrapõe o direito público ao direito privado (FÉRES, 2002).

Para entendermos melhor, no ato de tombamento do bem particular por parte do poder público, fica restrito o direito de propriedade a partir do momento em que o proprietário deverá seguir uma série de normas da ordem do fazer (conservar) e não-fazer (não-demolir). Assim, esta limitação geralmente desperta uma revolta por parte dos proprietários que se sentem lesados ao terem seu bem tombado. A dificuldade está na compreensão de que o interesse público está acima do interesse individual, e que na verdade, o direito de propriedade não equivale ao direito de construir (FÉRES, 2002).

Atualmente os municípios desempenham papel fundamental na preservação do patrimônio ambiental urbano: são responsáveis pela formulação dos Planos Diretores e das Legislações de Uso e Ocupação do Solo que regulamentam e direcionam os assentamentos nas áreas urbanas. E são os principais agentes na instituição de mecanismos que permitem a preservação direcionada para a realidade da comunidade local. “Os mecanismos legais de proteção devem ser incorporados ao planejamento urbano das cidades” (FÉRES, 2002, p.24 e 25). Para isso, muitas leis foram criadas a fim de apoiar e incentivar a proteção do patrimônio histórico e sua preservação, como:

- a) A Lei Federal de incentivo à cultura
- b) Lei Rouanet de Incentivo à Cultura, criada pelo Ministério da Cultura em 1991, permite à empresa patrocinadora de obras de restauração, deduzir em até 70% do investimento efetuado, do imposto de renda devido.
- c) Lei Estadual de distribuição de ICMS

A partir de 1995, com a aprovação da Lei Nº 12.040, apelidada de *Robin Hood*, os municípios ganharam um incentivo para investirem na preservação do patrimônio, o que resulta em verbas para o município. O Estado repassa uma porcentagem do ICMS (Imposto

sobre Circulação de Mercadorias e sobre Prestações de Serviços de Transportes Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação) arrecadado para aqueles Municípios que investirem no patrimônio cultural e ambiental. Esta lei é um marco histórico para a preservação. O que era antes visto como um entrave para o desenvolvimento do município, é hoje forma de arrecadação de receita.

Em Belo Horizonte, a Lei Municipal nº 3.640 de 1983 oferece isenção do IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) aos proprietários de imóveis tombados pelos órgãos de proteção ao patrimônio desde que comprovada a preservação efetiva do bem. Caso o proprietário não mantenha o imóvel em bom estado de conservação, o IPTU volta a ser cobrado.

Em Cataguases no ano de 2000, a lei nº 2.930/2000 criada pelo então prefeito Sr. Paulo Schelb e Octacílio Passos, Secretário de Administração, determina a instituição do Projeto Cultural “Francisco Inácio Peixoto”, que consiste na concessão de incentivo fiscal para a realização de projetos culturais (anexo VII). Dentre os 364 municípios mineiros, que recebem repasse do Patrimônio Cultural, Cataguases desponta em 4º lugar, após avaliação do IEPHA-MG⁶.

A preservação requer uma postura da sociedade frente à sua memória. Existem várias possibilidades de políticas preservacionistas que devem ser experimentadas criteriosamente pelo poder público e pela sociedade como um todo, propiciando o diálogo entre as partes implicadas no processo, que devem se tornar aliadas da preservação (FÉRES, 2002). Programas eficazes atraem visitantes conscientes da importância da preservação, e ganha potencial educativo para a maioria dos observadores.

⁶ Fonte: Encontrado em: <http://www.demphac.hpg.ig.com.br/news.htm>, acesso em dezembro de 2007.

CADA CASA UM CASO: ESTUDO DE DUAS RESIDÊNCIAS

IV. 1 – Residência de Francisco Inácio Peixoto

Arquiteto: Oscar Niemeyer

Paisagismo: Burle Max

Mobiliário original: Joaquim Tenreiro

Escultura *O Pensador*, Jan Zach

Endereço: Rua Major Vieira, 154-Cataguases

Data: conclusão 1941

IV.1.1 – Breve histórico

Marcando seu início com a conclusão, em 1941, a residência de Francisco Inácio Peixoto _ primeiro projeto modernista da cidade _ teve como autor o maior expoente do modernismo nacional, o arquiteto Oscar Niemeyer. Desde então se passou a refletir sobre a natureza de sua motivação e os objetivos de sua iniciativa. Francisco Peixoto o contratou para que a residência tivesse um novo estilo arquitetônico, a arte plástica moderna. Logo depois, Burle Max criou o jardim dos fundos.

Auxiliado por Marques Rebelo, Francisco Inácio intentou em Cataguases uma radical reforma urbana, perseguindo a sua vontade modernista a qual havia aderido quando jovem, nos tempos da Verde. Introduziu na cidade, imagens idealizadas de um mundo novo, criando referências logo assumidas pelas elites da cidade que recorreram aos mais renomados e competentes profissionais, comprometidos com o ideário moderno enriquecendo-os com notáveis obras de arte e mobiliário inovador (ANDRADE, 1994).

IV.1.2 – Análise das características arquitetônicas, artes plásticas e mobiliário

A casa foi realizada com a colaboração do engenheiro Albino Froute. Uma das vantagens do terreno veio do fato de que a melhor orientação correspondia à vista mais desimpedida dos jardins. A entrada da casa no nível da rua foi prevista sob pilotis, assim como a garagem (fig. 06). A vasta morada de três níveis foi prolongada por um pórtico coberto da mesma altura da casa, abrigando assim o terraço do 1º andar e protegendo do sol o estúdio (fig. 07). Os quartos são protegidos por quebra-sol orientáveis (brise-soleil). Os serviços são completamente à parte dos cômodos da habitação (ARAÚJO, 1987).



Figura 06 - ENTRADA / fachada residência de Francisco Inácio Peixoto. Foto da autora, 2007.



Figura 07 – VISTA dos fundos da residência de Francisco Inácio Peixoto. Foto da autora, 2007.

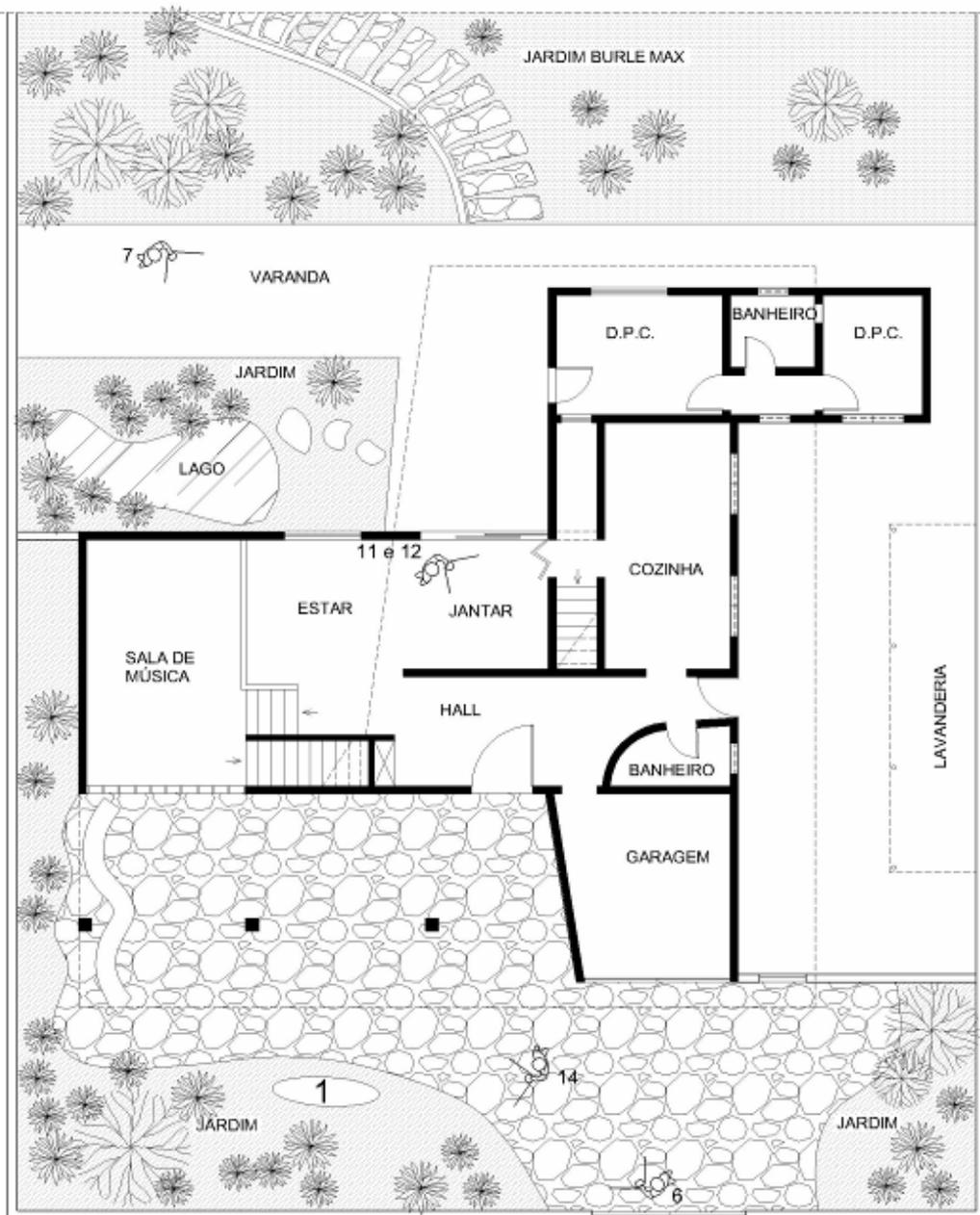
A casa traz em seu traçado retilíneo e nas poucas paredes, muitos quadros (fig. 08). Na sala de música, um quadro pintado por Tomás Santa Rosa, em 1943, especialmente para esse ambiente, uma reprodução do Capricórnio de Curcat e o retrato de Amélia, mãe de Francisco Filho, pintado em tons claros por Portinari. Espalhados pelos demais cômodos estão pinturas de Petorutti, Lazar Segall, Anita Malfati, Vlamink (pintor russo que viveu na França), talvez o único exemplar de Zadikim no país (escultor e pintor também russo), Iberê Camargo, um desenho de Emiliano Di Cavalcanti e Pablo Picasso, dentre outros.



Figura 08 – SALA DE MÚSICA da residência de Francisco Inácio Peixoto, foto tirada do pilotis. Mobiliário de Joaquim Tenreiro e retrato de Amelinha Peixoto, de Portinari. Foto da autora, 2007.

A residência é dividida em dois pavimentos: térreo e primeiro andar. O térreo compreende: entrada da rua (garagem), hall, estar, sala de jantar, sala de música, varanda, escada de serviço, banheiro social, cozinha, lavanderia e alojamento de pessoal (D.P.C.). No primeiro andar: estar íntimo, quartos, estar (vista), terraço (varanda), estúdio (escritório) e banheiro (fig. 09 e 10).

RESIDÊNCIA DE FRANCISCO INÁCIO PEIXOTO
 ARQUITETO: OSCAR NIEMEYER
 PAISAGISMO: BURLE MAX



LEGENDA

PLANTA 1º PAVIMENTO
 sem escala

ESCULTURA DE JAN ZACH 2

OBSERVADOR - ÂNGULO DA FOTO 

Figura 09 – RESIDÊNCIA Francisco Inácio Peixoto – 1º pavimento. Arquiteto: Oscar Niemeyer.
 Fonte: ARAÚJO, Roberto Assumpção de. **Audaces d' Architecture et d' art.** Duytstr-Holanda, 1987.

RESIDÊNCIA DE FRANCISCO INÁCIO PEIXOTO
 ARQUITETO: OSCAR NIEMEYER
 PAISAGISMO: BURLE MAX

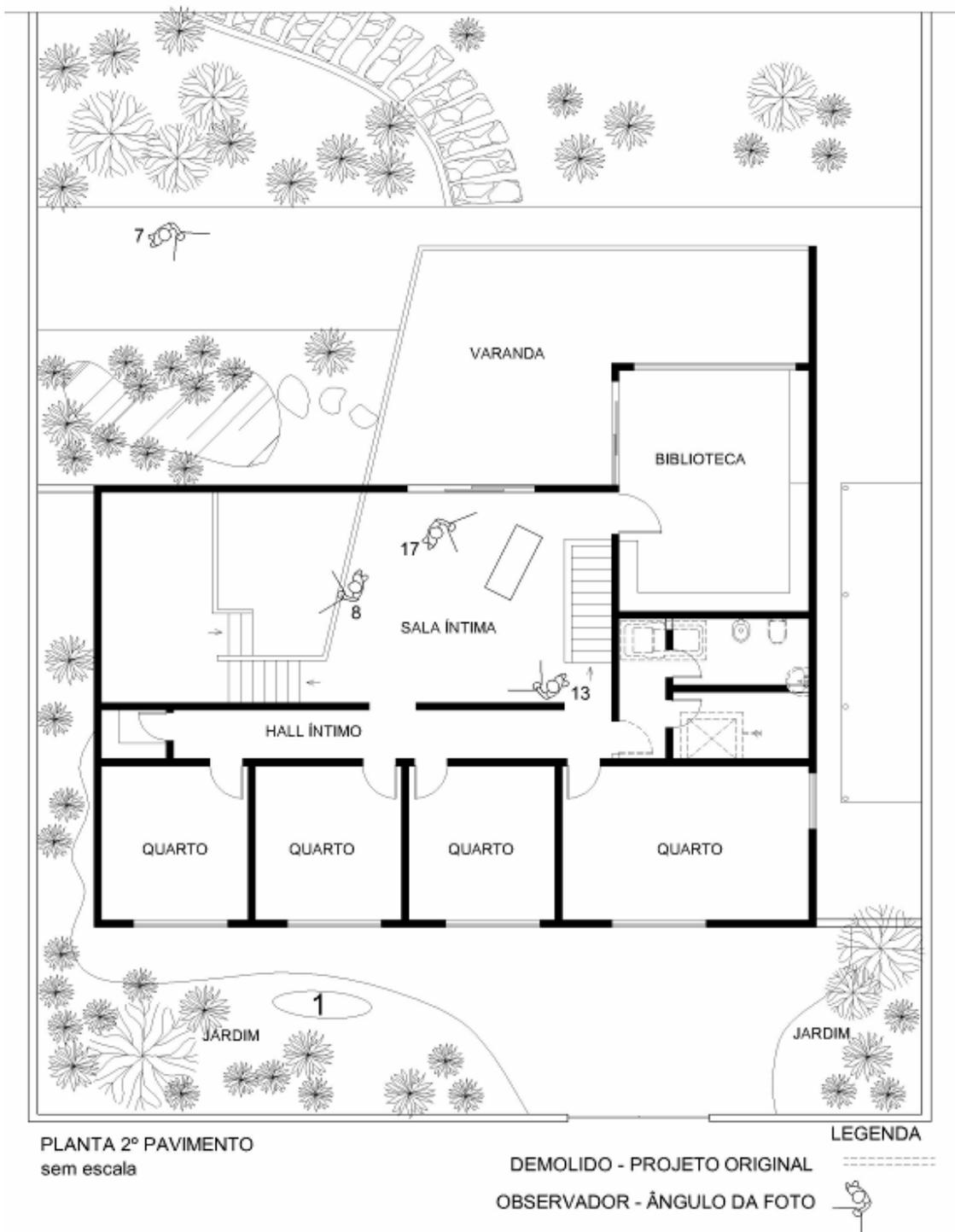


Figura 10 – RESIDÊNCIA Francisco Inácio Peixoto – 2º pavimento. Arquiteto: Oscar Niemeyer.
 Fonte: ARAÚJO, Roberto Assumpção de. **Audaces d' Architecture et d' art.** Duytstr-Holanda, 1987.

Na varanda, uma escultura metálica, uma flor, de Jan Zach escultor e autor de uma outra obra no jardim de entrada. Sobre a cama de casal, a *Nona da Escola Napolitana*, pintura do século XVII; na copa, o biombo do pintor português Anahoey (fig.11) e o lustre de Ceschiatti (fig.12), enriquecem ainda mais o ambiente. Assim como esta casa, muitas obras em Cataguases foram criadas por arquitetos modernos e guardam obras de artes de consagrados pintores e escultores (BRANCO, 2002).



Figura 11 – BIOMBO de Anahoey na copa. Mobiliário de Joaquim Tenreiro Foto da autora, 2007.



Figura 12 – LUSTRE de Ceschiatti na copa. Foto da autora, 2007.

O estar íntimo (fig. 13) é composto de uma chaise-longue, duas poltronas revestidas em tecido com estrutura em pau-marfim, uma cadeira de tiras de couro pintado, uma mesa de centro (de autoria ignorada) e um sofá com estruturas em pau-marfim e pés em contraplacado curvado. Na parede, da esquerda para a direita, réplica de Emílio Petorutti. A seguir, originais de Käthe Kollwitz, Iberê Camargo, Milton Dacosta e Maurice Utrillo. Ao fundo, no corredor, desenho de José Pedrosa e, à direita, aquarela de Osip Zadkine.



Figura 13 – SALA íntima da residência de Francisco Inácio Peixoto com mobiliário de Tenreiro. Foto da autora, 2007.

Chega em Cataguases, em novembro de 1950, o artista tcheco Jan Zack. É de autoria do artista a escultura intitulada "Mulher" encontrada no jardim de entrada da residência de Francisco Inácio Peixoto (fig.14). Percebe-se preocupação com no tratamento dos volumes, em formas esquematizadas, as mulheres apresentam linhas arredondadas, volumetria compacta, porém sem detalhamentos. (ÁVILA, 1994)

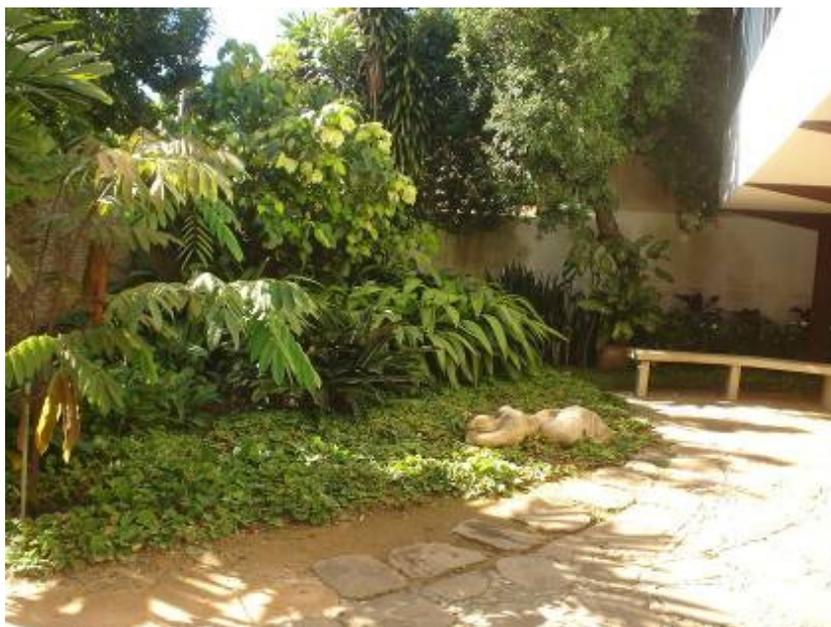


Figura 14 – JARDIM de entrada da residência de Francisco Inácio Peixoto, escultura de Jan Zack, paisagismo de Burle Max. Foto da autora, 2007.

Também de Jan Zack é a escultura (fig. 15) localizada no jardim dos fundos cujo paisagismo é de Burle Max (hoje um pouco descaracterizado), sua localização privilegiada enriquece a arquitetura e o paisagismo da residência. As duas esculturas encontram-se bem danificadas. Em entrevista, Maria Cristina, filha de Francisco Inácio Peixoto, nos informa que estão sendo feitos estudos para que as esculturas recebam uma camada de bronze, com intuito de conservar melhor a mesma.



Figura 15 – ESCULTURA de Jan Zack no jardim de Burle Max na residência de Francisco Inácio Peixoto.

Foto da autora, 2007.

A cargo de Tenreiro, o mobiliário da residência assim como seus desenhos (fig.16) atestam a qualidade artística, formal e cromática. Nos ambientes sociais e no dormitório do casal, foi usada a madeira clara-caúna. As madeiras escuras, como o jacarandá, serão destinadas aos demais dormitórios e ao escritório. Os móveis de Tenreiro desenhados em 1943 são sinuosos com faixas de madeira, proporcionando continuidade entre os pés e os braços de poltronas (BARAÇAL, 1993).



Figura 16 –DESENHOS originais de Joaquim Tenreiro para o mobiliário da residência de Francisco Inácio

Peixoto. ALMEIDA, 2004.

Nas cadeiras da sala de jantar e dos dormitórios, as pernas esguias afirmam o estilo próprio do artista. Os encostos e assentos revestidos por materiais naturais ou sintéticos e assentos confortáveis caracterizam o conjunto do mobiliário. As estruturas dos móveis se expressam em formas geométricas puras, de aparência maciça, ou em contínuas curvas. O entrecruzamento de tiras de couro colorido, em contraste de xadrez branco e vermelho e branco e azul, remete às redes (fig.17). Tais móveis são considerados de forma a contemplar a função e o uso confortável do móvel, principal objetivo do designer (BARAÇAL, 1993).



Figura 17 – CHAISE em tiras de couro de Joaquim Tenreiro para sala íntima da residência de Francisco Inácio Peixoto. Foto da autora, 2007.

A residência passou apenas por duas modificações em relação ao projeto original de Niemeyer. O banheiro da ala íntima foi dividido em dois devido às necessidades da família, que aumentou em número (observar fig. 10 tracejado). E o banheiro social passou por uma reforma, porém mantendo o traçado original. Todo o resto ainda se mantém como na época da construção, inclusive as cores que são pintadas as paredes.

Segundo Baraçal (1993), apesar do registro mais recente da extensa obra do arquiteto Oscar Niemeyer não fazer referência aos projetos de Cataguases, a residência de Francisco Peixoto e o Colégio Cataguases têm sua devida importância publicada em revistas internacionais com análises fartamente ilustradas por fotografias, desenhos e plantas, que

ressalta a preservação da arquitetura, do mobiliário e das artes plásticas, há mais de quase 60 anos após sua construção.

IV. 2 – Residência Nanzita Ladeira Salgado Alvim Gomes

Arquiteto: Francisco Bolonha

Mobiliário original: Joaquim Tenreiro

Painel de azulejos “Feira Nordestina” - Anísio Medeiros, 1958.

Afresco “A lenda sobre o rapto de Helena de Tróia” - Emeric Marcier, 1956.

Endereço: Avenida Astolfo Dutra 176, Centro - Cataguases

Data: conclusão 1958

IV.2.1 – Breve histórico

Entre as obras residenciais executadas na época por arquitetos cariocas destacamos a magnífica residência de Nanzita Ladeira Salgado Alvim Gomes (Fig.18), concluída em 1958, que traz a marca do talento de Francisco Bolonha. Possui uma concepção monumental do interior com o jogo de rampas e a solução em L das áreas de estar envolvidos com o jardim. Na fachada, a composição de texturas variadas _cerâmicas, pedras, tijolo de vidro, treliça _ a modulação rigorosa das esquadrias e a assimetria do pilar em V contraposto à linha oblíqua do painel de Anísio Medeiros, fazem dessa obra um exemplo do modernismo brasileiro do arquiteto. A encomenda de Ottonio Alvim Gomes e Nanzita com ampla liberdade de orçamento permitiu a realização de um projeto completo em todos os seus aspectos (MIRANDA, 1994).



Figura 18 – FACHADA da residência de Nanzita. Painel de azulejos de Anísio Medeiros intitulado “Feira Nordestina”. Foto da autora, 2007.

O primeiro contato de Francisco Bolonha com Cataguases foi em 1945, através do escritor e marchand Marques Rebelo. Para Bolonha, independente dos anos, o mais importante num projeto é sua função, sendo a estética o resultado de sua funcionalidade. Entretanto, o que se viu com predominância, foi o lado estético desempenhando um papel expressivo (ALMEIDA, 2007).

A princípio foi construída para abrigar também um consultório do então proprietário Dr. Ottonio Alvim Gomes, mas em 1976, a pintora Nanzita, cria a *Gal Art* (Centro de Arte e Cultura de Cataguases) e o lugar em que destinava-se os consultórios transformou-se em galeria de arte e escritórios da *Gal Art*. Através de uma adaptação realizada pelo arquiteto Francisco Bolonha, o local já abrigou algumas das mais importantes exposições da cidade e realizou lançamentos de importantes livros (ALMEIDA, 2007). A residência também recebe visitas de estudantes e estudiosos do Brasil e do exterior, transformando a mesma em valioso campo de estudos da arquitetura moderna.

Em entrevista datada de outubro de 2007, Cairu Teles Nunes, atual esposo de Nanzita, nos relatou seus planos de transformar o local em um Museu de Som e Imagem. O primeiro em Cataguases a contar a história da literatura, do cinema e das artes plásticas que fizeram com que a cidade despontasse no cenário artístico nacional. Contribuindo para conservação do patrimônio histórico da cidade e sua divulgação. Porém, com o falecimento de Nanzita, em 03 dezembro de 2007, o Jornal Cataguases de 09 de dezembro do mesmo ano, com matéria intitulada “*Nanzita – uma vida que se confunde com a própria arte*” publica:

O imóvel hoje é tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e, no futuro, será propriedade da Diocese de Leopoldina, atendendo a uma sugestão feita em vida por seu primeiro marido. *Nanzita* concretizou a doação do imóvel no final da década de noventa. (LOPES,2007)

Em 22 de maio de 2008, em entrevista concedida para esta pesquisa, Cairu Teles Nunes nos confirmou que a residência foi mesmo doada para Diocese de Leopoldina e que se tornará futuramente sede de uma instituição social, ao contrário da idéia inicial de transformar a residência em Museu do Som e da Imagem, Cairu nos relata que a idéia do Museu será realizada por uma Fundação de uma empresa local, porém em outro imóvel da cidade. E completa dizendo que a parte da casa onde hoje está instalada a Gal Art abrigará futuramente o “Memorial Nanzita”.

IV. 2.2 - Análise das características arquitetônicas, artes plásticas e mobiliário

Francisco Bolonha _ assim como em todos seus projetos _ incorpora no projeto da residência o afresco de *Emeric Marcier* que relata “A lenda do rapto de Helena de Tróia”, (anexo VIII – descrição do painel) com cores intensas e dramaticidade fovista, este alcança o efeito esperado e é considerado pelo próprio artista como uma das melhores obras que já pintou; o painel de azulejos da fachada de Anísio Medeiros intitulado “Feira Nordestina” marcada por figuras planificadas em perfil e forte apelo icônico remete-nos à pintura mural egípcia; e o mobiliário de Joaquim Tenreiro, encomendado pela primeira vez pelo arquiteto Francisco Bolonha foi realizado com exclusividade para a residência assim como a série de poltronas, cadeiras e mesas (fig. 19). As peças são ainda mais austeras se comparadas com as da casa Peixoto: as camas baixas, as penteadeiras suspensas e os armários lisos revelam a simplicidade (fig. 20). Na sala de jantar as cadeiras seguem linhas puras e levemente

curvadas, e o *living* comporta estofados com a mesma qualidade cromática do conjunto. A conjugação da arquitetura de Bolonha com o mobiliário e artes teve, nesta residência, a felicidade de atingir uma qualidade única (MACEDO, 2007).



Figura 19 – SALÃO da residência de Nanzita. Mobiliário de Joaquim Tenreiro. Foto da autora, 2007.



Figura 20 – QUARTO da residência de Nanzita, mobiliário de Joaquim Tenreiro e Pintura de autoria da artista. Foto da autora, 2007.

Ainda a respeito do mobiliário, Joaquim Tenreiro dialoga com a arquitetura de soluções comuns, como o tampo em vidro pintado da mesa-de-jantar (fig. 21), recurso presente nas vidraças das fachadas (POPPE, 2007). Ao interior moderno completam-se os móveis internacionais, da *Forma*, representante dos produtos *Cassina e Knoll*: de Marcel Breuer, Mies Van Der Rohe, Eero Saarinen, na cozinha (fig. 22), e Harry Bertoia no hall íntimo (fig. 23) (BARAÇAL, 1993).



Figura 21 – SALA DE JANTAR da residência de Nanzita, mobiliário de Joaquim Tenreiro. Foto da autora, 2007.



Figura 22 – COZINHA da residência de Nanzita, mesa Eero Saarinen. Foto da autora, 2007.



Figura 23 – HALL-ÍNTIMO da residência de Nanzita, Cadeiras Harry Bertoia, pinturas da artista Nanzita.
Foto da autora, 2007.

A planta da residência com meios-pisos e mezanino proporciona funcionalidade (fig. 24 e 25). Há distinção entre os espaços de serviço, trabalho e social; o grande salão de visitas

onde está localizado o afresco de *Emeric Macier*, possui uma extensa rampa que nos leva aos dormitórios (fig. 26), reduzidos ao mobiliário essencial para o descanso: armário, cama e mesa de apoio, todos desenhados com exclusividade. A residência conjuga o espaço do exercício profissional, articulando funções públicas e privadas com o espaço íntimo. (BARAÇAL, 1993)

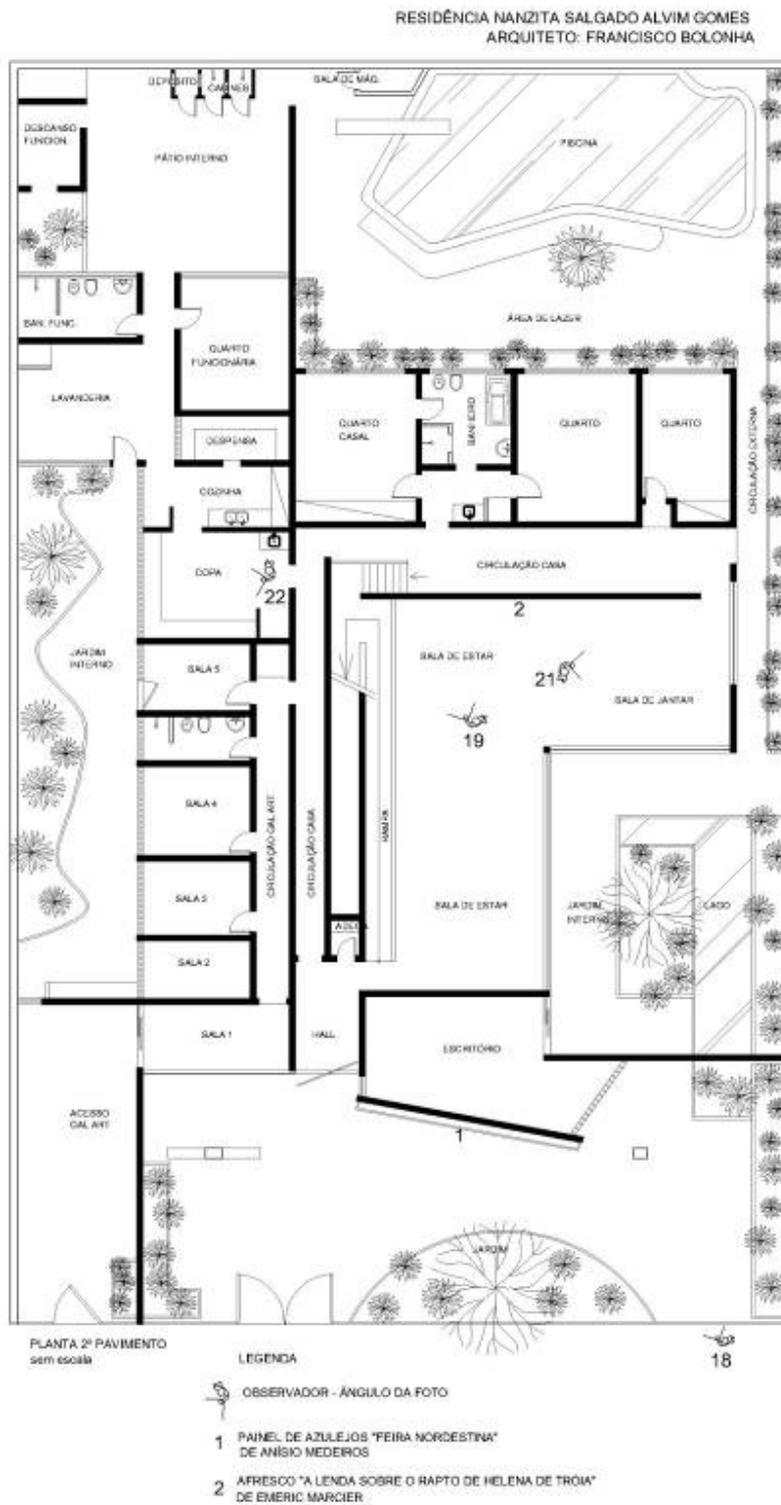


Figura 24 – PLANTA 1º pavimento da Residência de Nanzita, arquiteto Francisco Bolonha. TELLES, Cairu (2007)

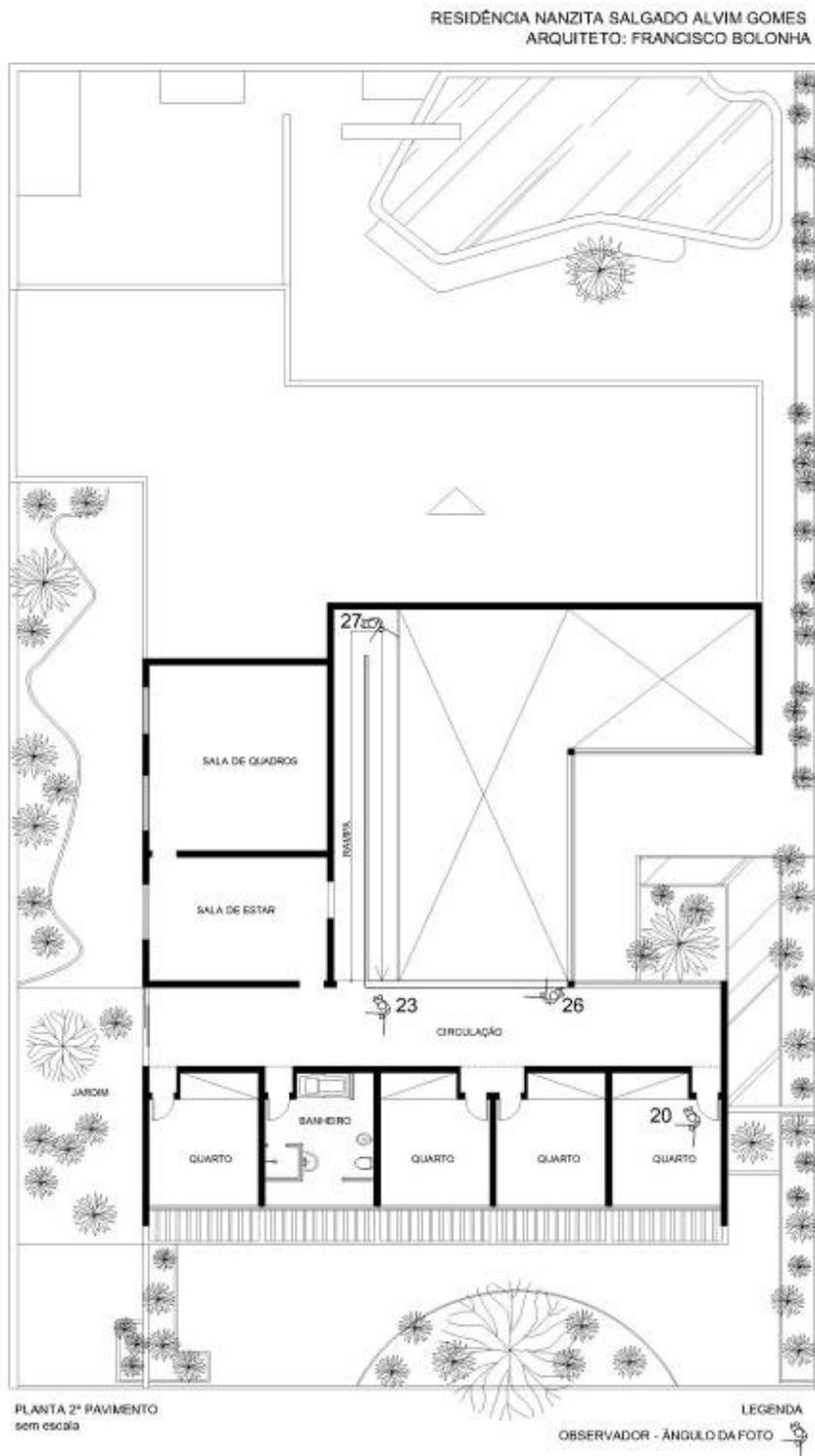


Figura 25 – PLANTA 2º pavimento da Residência de Nanzita, arquiteto Francisco Bolonha. TELLES, Cairu (2007)



Figura 26 – SALÃO SOCIAL da residência de Nanzita, mobiliário de Tenreiro, painel de Emeric Macier e pinturas da artista Nanzita. Foto da autora, 2007.

Em seu interior a residência apresenta uma ampla liberdade no uso das cores (azul, rosa e amarelo) para o tratamento dos planos. O uso de aberturas envidraçadas, venezianas e cobogós, amplos pés-direitos e a presença de um pátio interno, possibilita a relação do exterior com o interior da edificação (Fig. 27), assim como em diversas outras casas planejadas pelo arquiteto (POPPE, 2007).



Figura 27 – SALÃO SOCIAL da residência de Nanzita, mobiliário de Tenreiro e pinturas da artista Nanzita.
Vista da rampa que leva ao hall-íntimo da residência. Foto da autora, 2007.

A residência é um exemplo da conservação do patrimônio na cidade, Nanzita Ladeira Salgado Alvim Gomes e Cairu Teles Nunes mantêm os painéis e móveis intactos. Francisco Bolonha era sempre consultado a respeito de qualquer intervenção. O arquiteto contribuiu para conservação de suas obras até seu falecimento em dezembro de 2006 (MACEDO, 2001). Não escondeu a preferência pela atuação no interior e Cataguases se beneficiou muito com isto. Bolonha iniciou a vida profissional ao lado de Aldary Toledo, Oscar Niemeyer, Carlos Leão, Edgar Guimarães do Valle, dos irmãos Roberto e de Burle Marx.

V - Estudo comparativo das características que definem o Estilo Modernista nas residências

Nas duas residências aqui analisadas podemos perceber pontos paralelos referentes ao estilo modernista vigente nas duas épocas, considerando a disparidade de mais de 10 anos da data de conclusão das mesmas.

Analisando a fachada das residências, percebemos que a de Francisco Inácio Peixoto (1941), do arquiteto Oscar Niemeyer e a de Nanzita Ladeira Salgado Alvim Gomes (1958) do arquiteto Francisco Bolonha, possuem partido horizontal das janelas, integração do jardim com a parte interna _ mais evidente na residência de Nanzita, onde o jardim interno (local que hoje, serve como atelier da artista Nanzita) é cercado por planos envidraçados fazendo ligação com o grande salão social da casa. Nesta última, o espaço do exercício profissional conjugado ao projeto, articula funções públicas e privadas, com circulação e entrada bem definidas. O mesmo não acontece na residência de Francisco Peixoto, destinada exclusivamente à moradia. Características marcantes do estilo modernista são identificadas: como por exemplo, o uso do tijolo de vidro. Em ambos projetos é empregado na fachada.

A integração entre arquitetura, artes plásticas e design _ máxima do modernismo_ fica evidente. Na de Francisco Peixoto podemos constatar uma coleção particular de obras de artistas reconhecidos mundialmente, assim como o mobiliário executado com exclusividade para a casa, e as esculturas nos jardins. O mesmo acontece na residência de Nanzita, só que ao invés de esculturas, um grande painel de azulejos de Anísio Medeiros nos dá as boas vindas logo na entrada. Internamente, no grande salão, somos surpreendidos por um enorme afresco de *Emeric Marcier* que convive muito bem com o mobiliário e a harmonia cromática de seus tecidos, juntamente com as obras da artista Nanzita.

Observamos também a presença do pilotis comum às duas residências: na de Nanzita, com proporções mais austeras e uma grande rampa de acesso com piso em parquê de madeira e rejunte em vidro preto _ detalhe mais que precioso digno de tal obra e autor; na de Francisco Inácio uma escada com guarda corpo, piso e corrimão revestidos de madeira.

Ambos dando acesso ao 2º pavimento das residências. O uso das cores: azul, rosa e amarelo são utilizados com maestria nas duas residências. A iluminação é sempre indireta, no caso da residência de Francisco Inácio Peixoto, calhas pintadas de branco servem como anteparo para iluminação; na residência de Nanzita, a iluminação é embutida nos armários, inclusive na parede do afresco de *Emeric Marcier* _ delicadezas modernistas.

Concluimos que apesar de dimensões, arquitetos e anos distintos, as duas residências são exemplos vivos do modernismo brasileiro, muito bem conservadas pelos atuais moradores. Importante ressaltar a contribuição que os moradores das residências aqui estudadas dão para os estudos do modernismo brasileiro e a conservação do patrimônio histórico; e não somente isto, divulgam e fazem aflorar em nós o desejo modernista da interdisciplinaridade (arquitetura, artes plásticas e design) para fazer de um projeto uma grande obra de arte.

VI – CONCLUSÃO

Para se entender a gênese do movimento Verde em Cataguases, suas raízes e o desenrolar de todo o modernismo, foi preciso reconhecer biografias, obras de artistas e pessoas ilustres que tornaram essa história possível.

Francisco Inácio Peixoto, com toda sua determinação e encantamento pela arte moderna, abriu as portas para o modernismo na cidade e como resultado, Cataguases foi revelada e reconhecida como a cidade do interior mais modernista do país.

No âmbito da arquitetura inseriram-se mãos ilustres de projetistas como: Oscar Niemeyer, grande ícone da arquitetura brasileira; Joaquim Tenreiro, com formas e linhas modernistas traduzidas em seus móveis; paisagismo de Burle Max e escultores/artistas como José Pedrosa e Jan Zach.

A partir destes e de tantos outros protagonistas citados, não fica difícil imaginar o caminho trilhado até aqui pelo modernismo cultural, artístico e arquitetônico que se originou na pequena e surpreendente Cataguases. Portanto, podemos compreender que a semente de modernidade que o movimento literário de 27 plantou, se frutificou e transformou a cidade num grande Museu aberto, acentuando a importância que teve para o modernismo brasileiro, a cidade de Cataguases.

A cidade se destaca não somente por seu patrimônio, mas também pela sua conservação exemplar. As residências aqui estudadas, assim como muitos dos bens tombados pelo IPHAN em Cataguases, são cuidadosamente preservadas pelos “proprietários”, que buscam sempre incentivar a conservação das obras, constituindo um instrumento de divulgação da sociedade e de seu patrimônio.

VII – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBANO, Celina. **Cataguases – um olhar sobre a modernidade. Cinema.** Revista Cataguases. Cataguases, 1994.

ALMEIDA, Mariana Cândida Garcia Cardoso de. **A hora e a vez de Francisco Inácio Peixoto.** Juiz de Fora, 2004. Dissertação de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

ALMEIDA, M. *et al.* **Folder / Catálogo Residência Atelier Pintora Nanzita.** Cataguases, 2007.

ANDRADE, L. *et al.* **Livro de Tombamento de Cataguases.** Cataguases, 1994. Fonte: DEMPHAC – Departamento Municipal do Patrimônio Histórico e Artístico de Cataguases.

ARAÚJO, Roberto Assumpção de. **Audaces d’ Architecture et d’ art.** Duytstr-Holanda, 1987.

ÁVILA, Cristina. **Cataguases: a importação plástica como vontade modernista.** Revista Cataguases. Cataguases, 1994. Disponível em:

<http://www.tratosculturais.com.br/Zona%20da%20Mata/UnivlerCidades/modernismo/Artes_Plasticas/index.htm> acesso em 24 de junho de 2007.

BARAÇAL, Anaildo Bernardo. **A trajetória da modernidade do mobiliário brasileiro através de Cataguases.** Rio de Janeiro, novembro de 1993. Disponível em: <<http://www.asminasgerais.com.br/Zona%20da%20Mata/UnivlerCidades/modernismo/mobiliario/thumb014.htm>> acesso em: 09 de fevereiro de 2007.

BENEVOLO, Leonardo. **História da arquitetura moderna.** São Paulo: Perspectiva, 1998.

BRAGA, Márcia. **Conservação e Restauro: arquitetura brasileira.** Rio de Janeiro: Rio 2003, p. 7-16.

BRANCO, et. al. **Vivo em Cataguases, fora de Cataguases**. Revista Totem nº12. Suplemento do Jornal Cataguases, 5 de abril de 1979.

BRANCO Joaquim. **Passagem para Modernidade** – Transgressões e experimentos na poesia de Cataguases (década de 1920). Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002.

CARDOSO, Luiz Antonio Fernandes, OLIVEIRA, Olívia Fernandes de. **(RE)Discutindo o Modernismo: Universalidade e Diversidade o Movimento Moderno em Arquitetura e Urbanismo no Brasil**. Salvador: Graphite 1977. (Mestrado em arquitetura e urbanismo) - UFBA.

CARSALADE, Flávio de Lemos. **Patrimônio histórico. Sustentabilidade e sustentação**. Janeiro de 2007. Disponível em:
<<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp080.asp>> acesso em 31 de junho de 2007.

COSTA, Levy Simões da. **Cataguases Centenária: dados para sua história**. Juiz de Fora: Empresa Gráfica, 1977.

COUTO, Thiago Seggal. **Patrimônio Modernista em Cataguases: razões de reconhecimento e o véu da crítica**. Janeiro de 2005. Disponível em:
<<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp264.asp>> acesso em 08 de dez. de 2006.

FARIA, Raquel. O verde amargo de um modernista. **Estado de Minas**, abril de 1984.

FÉRES, Luciana Rocha. **A evolução da Legislação brasileira referente à proteção do patrimônio cultural**. In: Fernandes, Edísio; RUGANI, Jurema M. (org). Cidade, Memória e legislação: a preservação do patrimônio na perspectiva do direito urbanístico. Belo Horizonte; IAB-MG, 2002. Pág. 15 a 27.

FUNARI, Pedro Paulo A. **Os desafios da destruição e conservação do patrimônio cultural no Brasil**. Outubro de 2002. Disponível em:

<<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp013.asp>> acesso em 31 de junho de 2007.

GOMES, Paulo Augusto. **Humberto Mauro e a Verde, Francisco Inácio Peixoto**. Suplemento Literário de Minas Gerais nº 734, de 25/12/1980. Encontrado em: <http://www.tratosculturais.com.br/Zona%20da%20Mata/UnivlerCidades/modernismo/Cinema/index.htm>. Acesso em: 28 de junho de 2007.

GONÇALVES, Adelto. **A poesia dos verdes ressuscitada**. 2005. Disponível em: <<http://blog.comunidades.net/adelto/index.php?op=arquivo&pagina=20&mmes=06&anon=2005>> acesso em 12 de jan. de 2007.

GOODEY, B., MURTA, S., ALBANO, C. **Turismo Cultural: novos viajantes, novas descobertas**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

IBPC / 13º CR/MG. **Os lugares da memória**. Cataguases: um jornal sobre a modernidade brasileira. Catálogo da Exposição na Fábrica de Fiação e Tecelagem de CATAGUASES. (JAN/FEV.1994)

LOPES, Marcelo. **Nanzita: uma vida que se confunde com a própria arte**. Jornal Cataguases, 09 de dezembro de 2007. Cataguases, 2007.

MACEDO, Oigres Leci Cordeiro de. **Francisco Bolonha, modernidade insigne**. Texto originalmente apresentado no IV Docomomo Brasil, 2001, Viçosa-Cataguases MG. Disponível em: <http://www.dau.uem.br/professores/macedo/bolonha_4docomomo.html> acesso em 05 de mar. de 2007.

MIRANDA, Selma Melo. Cataguases – A cidade e a arquitetura. In: **Cataguases, um olhar sobre a modernidade**. Revista Cataguases. Cataguases, 1994. Disponível em:

<<http://www.asminasgerais.com.br/Zona%20da%20Mata/UnivlerCidades/modernismo/Arquitetura/thumb043.htm>> acesso em: 12 de jun. de 2007.

MIRANDA, S. *et al.* **Cataguases** – um olhar sobre a modernidade. Revista Cataguases. Cataguases, 1994. Disponível em:

<<http://www.tratosculturais.com.br/Zona%20da%20Mata/UnivlerCidades/modernismo/index.htm>> acesso em março de 2007.

MORAN, Patrícia. **Tangentes da modernidade: o Grupo Verde de Cataguases – província e cultura nos anos 20**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

WERNECK, Humberto. **O desatino da rapaziada: jornalistas e escritores em Minas Gerais**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

WERNECK, R. *et al.* **Cataguases: Guia Arquitetônico, Turístico e Cultural**. Cataguases. Ed. Ventura Comunicação e Cultura, s.d.

OLIVIERI, Alcione Lúcia Abreu. **Incursões na biblioteca de Francisco Inácio Peixoto**. Juiz de Fora, 2004. Dissertação (Mestrado em Letras).

OSWALDO, Ângelo. Tenreiro e a arte moderna em Cataguases. **Estado de Minas**. 24 de jun. de 1992.

POPPE, Márcia. **Para dentro da concha. Um olhar sobre a produção do arquiteto Francisco Bolonha**. Janeiro de 2007. Encontrado em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq080/arq080_01.asp> acesso em 02 de dezembro de 2007.

RUFATO, Luiz Fernando. Francisco Inácio Peixoto - Aos 78 anos, o fim de mais um dos fundadores da Verde, hoje um marco na história do modernismo. **Tribuna de Minas**. 09 jan. de 1986

RUFFATO, Luiz. **Os ases de Cataguases** – Uma história dos primórdios do Modernismo. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002.

SANTOS, Cecília Rodrigues dos, LAGE, Claudia Márcia Freire. **Cataguases: patrimônio da modernidade**. Janeiro de 2005. Disponível em:
<<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp273.asp>> acesso em 12 de jan. de 2007.

SCULLY, Vincent Jr. **Arquitetura Moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

Anexo I

Entrevistadora: Carolina Souza Lage (autora pesquisa)

Entrevistada: Maria Cristina Inácio Peixoto Parreiras Henriques (filha de Francisco Inácio Peixoto) e Marcos Fernando C. A. Araújo (cunhado de Maria Cristina, atual morador da residência)

Local: Residência de Francisco Inácio Peixoto – Cataguases/MG

Data: julho de 2007.

ENTREVISTA

MARIA CRISTINA – O meu erro... você sabe qual foi o meu erro? Eu ter deixado tudo por conta do mais velho, do Chico meu irmão! O Chico sabia tudo, nós deixamos pra ele, ele que fez o levantamento. (...) Vai no Marcelo Peixoto... Na fundação eles têm mais coisas... foram buscar lá no Rio de Janeiro. O Chico meu irmão, quando o papai morreu, pegou as cartas dele e mandou pra Rui Barbosa, Casa Rui Barbosa, no Rio.

CAROLINA – A respeito da época da construção da casa, como era longe, como foi o acompanhamento do arquiteto, além das cartas?

MARIA CRISTINA – Não foi somente cartas, ele veio aqui, ele e Portinari. Entregou a Portinari o painel do colégio, mais tarde vendeu, não viu interesse, não tinha como conservar, já tava deteriorando, eles não tinham interesse em preservar.

(...) Quando o papai comprou a escola, era uma chácara, ele começou a construir, na época do acabamento ele ficou apertado e o irmão ajudou entrando com o dinheiro da fábrica. E ele, ao invés de combinar pagar depois, não, ele torna tudo como sendo da fábrica dos irmãos. Tudo era do meu pai, particular. Aí quando o tio José dá o dinheiro ao papai, (põe o dinheiro porque viu que o papai tava “encalacrado”), o tio José falou: “*Você num precisa ficar nervoso não, e nem deixar de dormir, eu vou te emprestar o dinheiro*”.

CAROLINA - Mas isso na época de construção do atual colégio? Atual?

MARIA CRISTINA – Do Colégio, Colégio Cataguases sim. O papai muito correto, colocou tudo em nome da fábrica “Irmãos Peixoto”. Como se ele tivesse vendido pra fábrica, e não foi. O dinheiro foi no final porque acabamento é mais caro né?

Antigamente, como é que foi a curva do banheirinho ali, na reforma agora, o pedreiro ficou impressionado. O pedreiro antigo, deveria ser um homem extraordinário, porque nada tem coluna. Ele fez a curva da parede. E o que veio fazer a reforma, nunca fez parede curva, arredondada. Foi muito engraçado quando desmanchou para reformar o banheiro.

CAROLINA – Quando um bem é tombado assim, há algum consentimento de vocês antes?

MARIA CRISTINA – Não, não, não. Não houve nada. Eles vieram aqui e tombaram. Eles dão um prazo, mas o prazo passou e ...

Aqui eles exageraram em algumas coisas. Algumas casas são tombadas individualmente, mas aqui eles tombaram tudo.

CAROLINA – Porque? Eles não te passam o que tem que fazer ou não? Quer dizer, fica a cargo do proprietário?

MARCOS FERNANDO – O IPHAN tombou, e abandonou. Porque a partir daí, o que o IPHAN fez por Cataguases? Só divulgou as ações comunitárias.

MARIA CRISTINA – Nada. Mas isso é o nível cultural do povo brasileiro. Aí eu vou entrar com a mulher que veio da Holanda. É a curadora dos museus da Holanda. E teve um professor da UFMG que trouxe ela pra fazer uma palestra, e conhecia Cataguases porque

ele costuma trazer a última turma, no último ano de arquitetura, final de ano. Ele trouxe ela pra conhecer Cataguases. Ai você vê o valor que eles dão, ela falou assim, *“isso aqui não tem preço, Cataguases não pertence ao Brasil”*. O brasileiro não tem noção. Ai foi que eu tive um grande orgulho do meu pai. Ela virou pra mim, (tem um quadro aqui, eu vou mostrar vocês depois) *“você tem noção como seu pai tinha bom gosto, a Europa agora é que está dando valor à cultura japonesa. Eles não têm noção do que é o Brasil”*. Ela tava impressionada. *“Seu pai é um homem que a sensibilidade dele artística abrangia o mundo todo”*. A gente sabe do bom gosto que ele tinha, porque ele ensinava a gente quando a gente ia comprar um quadro ele dizia, *“você olha, quando a coisa é boa, cada vez que você olha, você ama cada vez mais. Não pendure nada que te apavore, que te incomode”*.

Ele falava: *“Eu não troco a minha pinacoteca por nenhuma, eu tenho pouca coisa, mas pouca coisa que é bom”*. A gente ia numa exposição, ele dizia; *“qual quadro que te destaca? Então ele tinha sensibilidade.*

Antigamente criava a gente, nós mulheres, pra casar e a gente perdeu muito dessa convivência artística, isso eu só fui perceber mais tarde. A mamãe fazia a gente ter um respeito muito grande pelo papai. Eu fui ver o quanto ele era sensível, chorão, ele já era mais velho. A marca dele de ter a mãe morrido no parto dele. Ele não exteriorizava. E isso marcou ele profundamente. E ele não gostava do aniversário dele.

CAROLINA – Você acha que essa sensibilidade é herança dos pais ou ele mesmo despertou pra isso?

MARIA CRISTINA – Ele era, por exemplo, ele era... Você quer ver uma coisa, ele falava o nome de toda espécie de planta em latim, ele conhecia tudo, ele lia tudo, ele falava assim: *“Eu te pago 5 mil cruzeiros, se você me disser o que essa palavra quer dizer sem olhar no dicionário”*. Ele era amante das línguas, aprendeu francês e espanhol sozinho. Ele tinha curiosidade, nas viagens que fazia ele queria conhecer o povo, ele tinha curiosidade da língua, e tinha amor à língua. Amor ao mundo! De onde vem isso?

CAROLINA: E no caso, dessas obras de arte, ele adquiriu em viagens?

MARIA CRISTINA – Viagens ele adquiriu muitas. Quando foi à França comprou muita coisa lá. Ele tinha essa vivência. Agora como é que ele pôde, talvez por ler, por frequentar... Quando ele foi pra Belo Horizonte, ele fez um ano de direito lá, depois ele foi pro Rio, isso já era uma tendência literária dele. Conheceu o Marques Rebelo, conhecia profundamente a música....Ele estudava, tinha memória, ele amava a língua brasileira. Ele falava: *“que coisa linda é a língua portuguesa. Saudade, não tem em outro lugar uma palavra que quer dizer saudade”*. Aí ele transferiu isso um pouco. Eu e a Dedé fomos as únicas que não viajamos.

O cunhado dele, que criou ele, que ele chamava de Pai. Casado com Vovó, irmã dele. Levou ele pra Portugal. Passaram 6 anos, ele saiu com 6 e voltou com 12 anos. Essa viagem pode ter influenciado ele também!

CAROLINA – Eu não sei se isso é verídico. Mas muitas das fontes que pesquisei fala que ele tinha uma certa insatisfação com Cataguases...

MARIA CRISTINA – Tem gente que fala tanta besteira do papai. O pai dele quando veio pra São Paulo casou-se com dona Antonia, que está enterrada aqui. Aí ele casou-se com minha avó, Amélia. Teve os 13 filhos e morreu no parto do papai.

CAROLINA – Da insatisfação dele quanto à literatura e arquitetura em Cataguases. A respeito das pessoas não valorizarem, dizendo que Cataguases foi um erro....

MARIA CRISTINA – O papai _ ele era saudosista _ quando ele percebeu que a coisa extrapolou, por exemplo, ele não gostava da Igreja, achava que não devia ter desmanchado

a antiga, duas coisas, a igreja e o cinema. A parte do cinema ele não teve como influenciar o rapaz pra fazer em outro lugar, porque o cine Edgar era o dono, comprou o teatro recreio. Ele não teve como... o teatro não comportava mais. O que ele influenciou foi entregar a um arquiteto o cinema. E depois falaram que ele se arrependeu, não é arrependimento, é a coisa do momento ...Ele percebeu que ele deveria ter mandado “*não construa nada*”. Porque ai extrapolou, eles foram desmanchando tudo, não era pra desmanchar tudo.

CAROLINA - Aí ele se sentia arrependido porque achava que ele que começou com isso?

MARIA CRISTINA – Não... o Colégio não tinha nada pra se guardar.

CAROLINA – A respeito do que tem na casa hoje, você começou a falar dos tapetes,...

MARIA CRISTINA – Não, está tudo como era. Os móveis são os mesmos, a poltrona também. O tecido mudou, a não ser a de couro.É preciso, tem os cachorros...

CAROLINA – Foi Marques Rebelo que influenciou a chamar o Oscar para fazer a residência e o Colégio?

MARIA CRISTINA – Ai não! Marques Rebelo teve muita influência na nossa ...

CAROLINA – Então foi sue pai mesmo quem conheceu o Oscar e convidou ele?

MARIA CRISTINA – É.

(...) Antes de morrer ele olhava os quadros...eu percebi isso na visita daquela curadora.. ela dizia: “*essa casa não é de vocês, é do mundo*”, e ela sabe o quanto custa cada peça dessa.

Anexo II

Cataguases, 27 de novembro de 1942

Caro Oscar,

Tive, há dias atrás, o prazer de travar relações com o Aldarí Toledo e, com uma sem-cerimônia alarmante, incumbi-o de levar até V. várias problemas para resolver. Renovo-os agora, pois estou com o serviço parado à espera de solução e não quero agir por conta própria, com receio de dar borrada. V. saberá, mais uma vez, perdoar a chaticice, que, espero, seja a última.

Seguem aqui, para orientação sua, duas cópias de desenhos seus: uma do banco e outra, da localização do mesmo e do tanque no pórtico. O primeiro, como V. sabe, já se acha quasi executado.

Pergunto:

- a) deve levar (como o do projeto primitivo, que era de azulejos) o chapim de granito?
- b) interiormente, no encosto, fica também com as pedras rejuntadas irregularmente ou deve o encosto ser revestido e pintado? Nesta hipótese, de que cor?
- c) o rejuntamento das pedras, na parte externa, deve ser feito no nível da face das pedras ou devem ser tomadas as juntas em nível mais baixo? Num e noutro caso devo pintar as juntas? De que cor?
- d) as pedras da varanda devem ser em retângulos ou quadrados uniformes ou podem ser de tamanhos diversos?
- e) a pavimentação compreende o pórtico em toda a extensão, ^{atá os} ou é para ser feita tal qual no esboço fornecido por V.?

Agora, a questão das vigas do pórtico. Já sei que devem ser pintadas de marron. Mas me apareceu uma dúvida sobre como proceder no ponto de intercessão das duas da esquerda com a parede de blocos de vidro, que está afastada da face da parede de alguns centímetros. A cor marron, neste caso, vai até a face da parede ou prossegue até os vidros? Creio que o Aldarí já lhe explicou direito o ~~xxx~~ ^{que eu quero saber.}

Espero que V. me responda com a máxima urgência, ainda que laconicamente.

Abraça-o, agradecido, o amigo certo

P.S.- Outra pergunta: os azulejos que tenho são para a moldura do portão. A parte lateral deste é caiada como a parede ou deve ter a cor da parede do "hall"?
Acredito que as minhas cartas provoquem em V. irritação com tanta perguntinha de merda. Que é que vou fazer?!... Sou mesmo uma bosta...

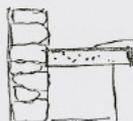
Anexo III

Atenção - aqui endereço:
Rua Araújo Porto Alegre 56, ap.
FERNANDO SATURNINO DE BRITO
ARQUITETO

Peixoto amigo.

Recebi sua carta que peço a responder:

a) a mureta não leva chapim serrado. A pedra organizada sobe até em cima.



proporção para revestimento do banco mosaico com 4cm frequentes.

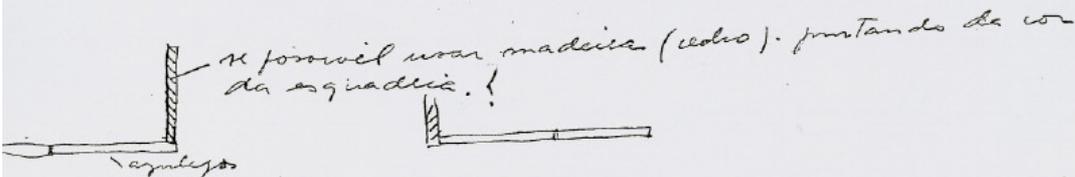
b) fica em pedra

c) mais baixo. não deve pintar - fica no cuninho.

d) tamanhos diversos (para preferir evitar pedras com ângulos arredondados.)

e) conforme o sobolo.

f) todos o revestimento deverá receber a mesma distribuição de cores.



Peixoto - voce pode escrever quanto quiser - o papel é perguntar tudo que tiver em dúvida - se as coisas demorarem para responder lhe não é má vontade, pois tenho o maior empenho que essa casa fique realmente boa mas tenho andado um tanto atarefado e sou um pouco relaxado. Pelas fotografias que o Aldair me fez parece que tudo está em ordem e a casa parece bem razoável. Se pretendo ir aí ver voce, me parece preciso arranjar uma folga. Estou aqui todo de noite no meio de uma corrida para entre um serviço para mim para onde seguirei no sábado.

O resto de um dia está terminando (tenho ali esquecido de falar muito) ele tem sido muito cansada. O Heine está terminando de desenhar

e você pode dizer a ele que quando terminá-lo
outra ele vai desculpar toda a demora.

Espero que todos os seus interesses sejam e
que você não se acanhe de indagar as
seguridades bem apressada por di. . .

um abraço do Grac.

N.B. O papel não é meu mas lá me usou.

Devolvo a carta para você poder controlar os itens

Anexo IV
Fonte: IEPHA

CÓPIA

Rio, 28/1/50

Querido Chico

Esta semana andei muito atarefado com coisas do apartamento das Laranjeiras, depois com a fundação do museu de Rezende, por interesse da Prefeitura, do Rotary Clube e da Escola Militar. Mandaram-me eles uma verba q e já foi transformada em peças, e em março inauguraremos o museu que será numa escola pública e com uma exposição e conferências. Se você ler o Diário de Notícias de 29, na secção do Flávio, compreenderá melhor tudo.

Também chegou verba de Florianópolis, da Prefeitura e enviei algumas pecinhas interessantes.

Hoje darei ao Flávio e depois a outros jornais as primeiras informações sobre o museu de Cataguases; vamos batizá-lo Museu de Belas Artes de Cataguases, que além de não trazer confusão com o Museu de Arte Popular, permite uma maior extensão de galerias, como eu acho aliás melhor. Vamos ver de pouco a pouco nós conseguiremos algumas peças da Renascença, outras românticas, etc. e assim teríamos uma galeria direita. Por enquanto vamos começar com coisa moderna mesmo. E aproveito o José para ser portador de um pacote com algumas revistas interessantíssimas para iniciarmos a biblioteca do museu e também algumas peças, não todas, que pretendo lhe enviar, apenas aquelas que não pesem muito para o José carregar.

Abaixo vou discriminá-las, de maneira que a cópia dos dados corresponda a fichas para o museu. Apenasmente faço menção de que para o acervo que não pode ser vendido irão umas peças, que são estas:

1) Domingos Pronato
Argentino
"Cavalo no pampa"
Óleo sobre madeira
0,20 x 0,15 - 1943
Doação: Marques Rebêlo

2) Vera Assunção
Brasileira
"Interior"
Desenho a bico de pena
0,60 x 0,45 - 1946
Doação: Roberto Assunção

(Botar moldura e vidro, sendo que a moldura deve ser de madeira clara. Agradecer ao Roberto a doação)

As peças a seguir entrarão para o museu em caráter precário. Quando chegarem todas aí, você fará uma exposição no colégio. Convidará o pessoal para a coisa e procurará interessá-los na aquisição das peças. Para isto, eu boto um preço que é pouco mais de 10% que o valor real da peça. Se vendesse alguma coisa, a importância serviria para aquisição de peça mais valiosa para o museu. Peça ou peças. Vocês, em todo caso, se achar alguma muito interessante para o museu, poder incluí-la imediatamente no acervo efetivo do museu. Como também, se você achar inútil, tiver preguiça, etc. de fazer a exposição para ver da, mete tudo logo no museu e está acabado. A sugestão ep apenas po que temos feito assim e tem dado resultado.

(2)

- 3) Francisco Borés
Espanhol
"A merenda"
Óleo sobre tela
0,46 x 0,38 - 1945
Preço para venda especial 5.000,00
(colocar moldura larga e branca)
- 4) Ossip Zadkine
Russo
"Interior de café"
Aquarela
0,36 x 0,52 - 1921
Preço para venda especial 4.500,00
(colocar vidro)
- 5) Iberê Camargo
Brasileiro
"peixes"
Óleo sobre tela
0,55 x 0,46 - 1947
Preço para venda especial 6.000,00
(colocar moldura larga e branca)
- 6) Jean Curçat
Francês
"O galo"
Guacho
0,32 x 0,25
Preço para venda especial 3.500,00
- 7) A. Beloborodonoff
Russo
"Ruínas"
Aquarela
0,33 x 0,23
Preço para venda especial 1.500,00

Você me escreveria dizendo qual é a sua opinião. Tenho ainda aqui peças de Di Cavalcanti, Cicero Dias, Jan Zach, Van Rogger, Pedrosa, etc. para completar. Como são muito grandes, irão junto com os Pettoruti e com os pacotes de livros para a biblioteca do Colégio.

Toda revista que eu tiver agora de arte plástica disponível mandarei para o museu.

Em tempo oportuno mandarei uma planta de um museu mínimo que em qualquer tempo poderá ser ampliado. Tenho muita esperança que possamos um dia realizar o mínimo. Por enquanto o museu pode mesmo ir ficando no Colégio.

Depois de inaugurado o bicho, vamos solicitar doações. Estou aqui com uma lista para pedir. Creio que ninguém vai negar.

Tenho a informar que dona Elza será uma das maiores doadoras do museu. Está disposta a separar-se da cabeça de pedra do sr. Rebelo Pesa como diabo. Mas vai ficar uma beleza aí. Você pode fazer uma pilastra de madeira à altura.

(3)

Você poderia cooperar ainda com o seguinte: você tem algumas peças das quais não gosta muito, como por exemplo o Del Prete, que é bem interessante. Dá ao museu. O auto-retrato do Pancetti você pode doar ao museu. É peça muito valiosa. E uma série de desenhos e gravados que você tem guardados, um Kubin, por exemplo, que eu te dei e que você não deu a menor importância, e que é de primeira qualidade. Você poria em passe-partout e moldura, e ficaria perfeito. Para fichação te informo que ele se chama Alfredo Kubin, e é alemão.

Assim também outros maiores poderiam cooperar.

Estou esperando resposta.

Quanto à reportagem do Crubeiro, ficou bastante interessante, com excesso de piscinas e de garotas e à última hora ia dando bode, por causa do sacana do Acioli, que achava aquilo com cara de reportagem paga. Mas o Leão é uma pessoa direita e manteve a promessa. O velho Assis Chateaubriand ficou encantado, foi ele mesmo que batisou a reportagem e eu quero conversar com ele a respeito aí da terra. Logo que sair a reportagem, você poderia passar telegramas ao dr. Assis Chateaubriand e ao dr. Leão Gondim, agradecendo a gentileza.

Na Cigarra haverá uma reportagem especial sobre o ginásio. Maurício tem uma reportagem muito interessante na Revista do Globo para breve. O saldo fotográfico será distribuído para revistas francesas, por intermédio do Roberto. E também a revista Sul dará uma página sobre Cataguases, além de Letras e Artes. Tudo a seu tempo.

Por hoje é só.

Um afetuoso abraço do

R. de L.

Anexo V

Fonte: Encontrado em www.iepha.com.br, acesso em outubro de 2007

Cataguases, MG: conjunto histórico, arquitetônico e paisagístico (Cataguases, MG)

Outros Nomes: Centro Histórico de Cataguases

Descrição: Conjunto Histórico, Arquitetônico e Paisagístico da Cidade de Cataguases, com a seguinte descrição do perímetro da área do tombamento: Inicia-se na Praça Getúlio Vargas, confluência da Avenida Astolfo Dutra e Rua Coronel João Duarte, segue em direção à Estação Ferroviária obedecendo o traçado da antiga ferrovia, atual Rua Visconde do Rio Branco, abraçando, na Praça Governador Valadares a Chácara de Dona Catarina, seguindo após em direção às dependências da Indústria Irmãos Peixoto, pela mesma Rua Visconde do Rio Branco, envolvendo-a, inclusive as vilas operárias existentes às Ruas Gama Cerqueira e Manoel Peixoto Ramos. Deste ponto retorna em direção à Praça Getúlio Vargas, seguindo pela linha de cumeada do morro lindeiro, daí perseguindo a Avenida Astolfo Dutra pela margem esquerda do canal do Córrego Lavapés. Segue pela Avenida Humberto Mauro até atingir o Colégio Cataguases, envolvendo-o e retornando à Praça Doutor Cunha Neto. Neste ponto toma a Rua Eduardo Del Peloso, alcançando a Avenida Coronel Artur Luz. Segue por esta até encontrar a Avenida Astolfo Dutra cruzando-a e seguindo pela Rua Araújo Porto; em seu término, na Rua Doutor Lobo Filho, inflete à direita e logo após à esquerda alcançando o Rio Pomba pela Travessa São Vicente de Paula. Cruzando o Rio Pomba envolve o Cemitério e a Companhia Industrial de Cataguases, seguindo após pela Rua Francisca Peixoto, compreendendo a Praça José Inácio Peixoto. Segue pela Rua José de Almeida Kneipp; em seu término, junto ao eixo de cotovelo do Rio Pomba volta a atravessá-lo, seguindo pela margem esquerda até alcançar o ponto de confluência do Ribeirão Meia Pataca. Neste ponto persegue a direção da Rua Ascânio Lopes até a altura da Rua Professor Alcântara, cruzando o Meia Pataca e seguindo por esta mesma Rua Professor Alcântara nº 134, última residência de Dona Eva Comello, até atingir a Praça Sandoval de Azevedo. Segue após pela Rua Joaquim Peixoto Ramos até atingir a Praça Rui Barbosa, onde inflete à direita pela Rua João Duarte, retornando ao ponto de partida na Praça Getúlio Vargas (os imóveis limítrofes cujas testadas estejam voltadas para os eixos de Ruas e Avenidas, deverão ser considerados parte integrante deste perímetro). No interior do perímetro acima descrito, além da atual pavimentação das Ruas e Avenidas ficam tombados, em especial, os seguintes bens imóveis e integrados: 1. Prédio do Colégio Cataguases, atual Colégio Estadual Manoel Ignácio Peixoto; Chácara Granjaria; Arquiteto: Oscar Niemeyer; Paisagismo: Roberto Burle Marx; Escultura "O Pensador" de Jan Zach; Painel de Pastilhas de Paulo Werneck; Propriedade do Estado de Minas Gerais; 2. Prédio da Residência de Francisco Inácio Peixoto, à Rua Major Vieira nº 154; Arquiteto: Oscar Niemeyer; Paisagismo: Roberto Burle Marx; Propriedade do Espólio de Francisco Inácio Peixoto; 3. Prédio da Residência A.O.Gomes, à Avenida Astolfo Dutra nº 176; Arquiteto: Francisco Bologna; Painel de Azulejos (fachada externa) de Anísio Medeiros: Festa Nordestina; Afresco de Émeric Marcier: A lenda sobre o rapto das Sabinas; Propriedade de Nanzita Ladeira Salgado Alvim Gomes; 4. Prédio da Residência de Josélia Peixoto Medeiros, à Avenida Astolfo Dutra nº 146; Arquiteto: Aldary Henriques Toledo; Paisagismo: Francisco Bologna; Propriedade: Josélia Peixoto Medeiros; 5. Prédio da Residência de Nélia Peixoto, à Avenida Astolfo Dutra nº 116; Arquiteto: Edgard Guimarães do Vale; Paisagismo: Francisco Bologna; Propriedade de Nélia Peixoto; 6.

Prédio do Hotel Cataguases, à Rua Major Vieira n° 56; Arquitetos: Aldary Henriques Toledo e Gilberto Lemos; Paisagismo: Carlos Percy; Escultura Mulher de Jan Zach; Propriedade do Hotel Cataguases S/C Ltda.; 7. Prédio do Cine-Teatro Edgard, à Praça Rui Barbosa n° 174; Arquitetos: Aldary Henriques Toledo e Carlos Leão; Propriedade do Circuito Cinema Brasil Ltda./Loja Maçônica Labor e Trabalho e do Município de Cataguases; 8. Prédio do Edifício A Nacional, à Praça Rui Barbosa n° 68; Arquiteto: M.M.M. Roberto; Propriedade de Walter Ferraz Gomes e Espólio Silvio Ferraz Gomes/Sebastião José de Carvalho/Antonio Gomes de Carvalho/Maria Cristina Carvalho Thomé/ Espólio de Atheniense Ferraz; 9. Conjunto de Prédios das Residências Operárias, à Rua Francisca Peixoto; Arquiteto: Francisco Bologna; Propriedade da Companhia Industrial de Cataguases; 10. Monumento a José Inácio Peixoto, à Praça José Inácio Peixoto; Arquiteto: Francisco Bologna; Escultura A família de Bruno Giorgi; Painel de azulejos As Fiandeiras de Cândido Portinari; Propriedade da Companhia Industrial de Cataguases e do Município de Cataguases; 11. Ponte Metálica sobre o Rio Pomba; Propriedade do Município de Cataguases; 12. Prédio da Fábrica Fiação e Tecelagem Cataguases/M. Ignácio Peixoto & Filhos, à Praça Manoel Ignácio Peixoto s/n°; Propriedade das Indústrias Irmãos Peixoto; 13. Prédio da Estação Ferroviária de Cataguases, à Praça Governador Valadares; Propriedade do Município de Cataguases; 14. Prédio do Museu da Eletricidade Cataguases-Leopoldina, à Av. Astolfo Dutra n° 41; Propriedade da Companhia Força e Luz Cataguases-Leopoldina; 15. Prédio do Edifício do Antigo Grupo Escolar Coronel Vieira, atual Escola Estadual Coronel Vieira, à Av. Astolfo Dutra n° 303; Propriedade do Estado de Minas Gerais; 16. Prédio do Educandário Dom Silvério, à Rua Doutor Lobo Filho n° 270; Painel (fachada externa) de Anísio Medeiros; Afresco da Capela Genesis de Émeric Marcier; Propriedade da Congregação das Irmãs Carmelitas da Divina Providência.

Endereço: - Cataguases – MG

Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico

Inscrição:128 **Data:**17-2-2003

Livro de Belas Artes

Inscrição:621 **data:**17-2-2003

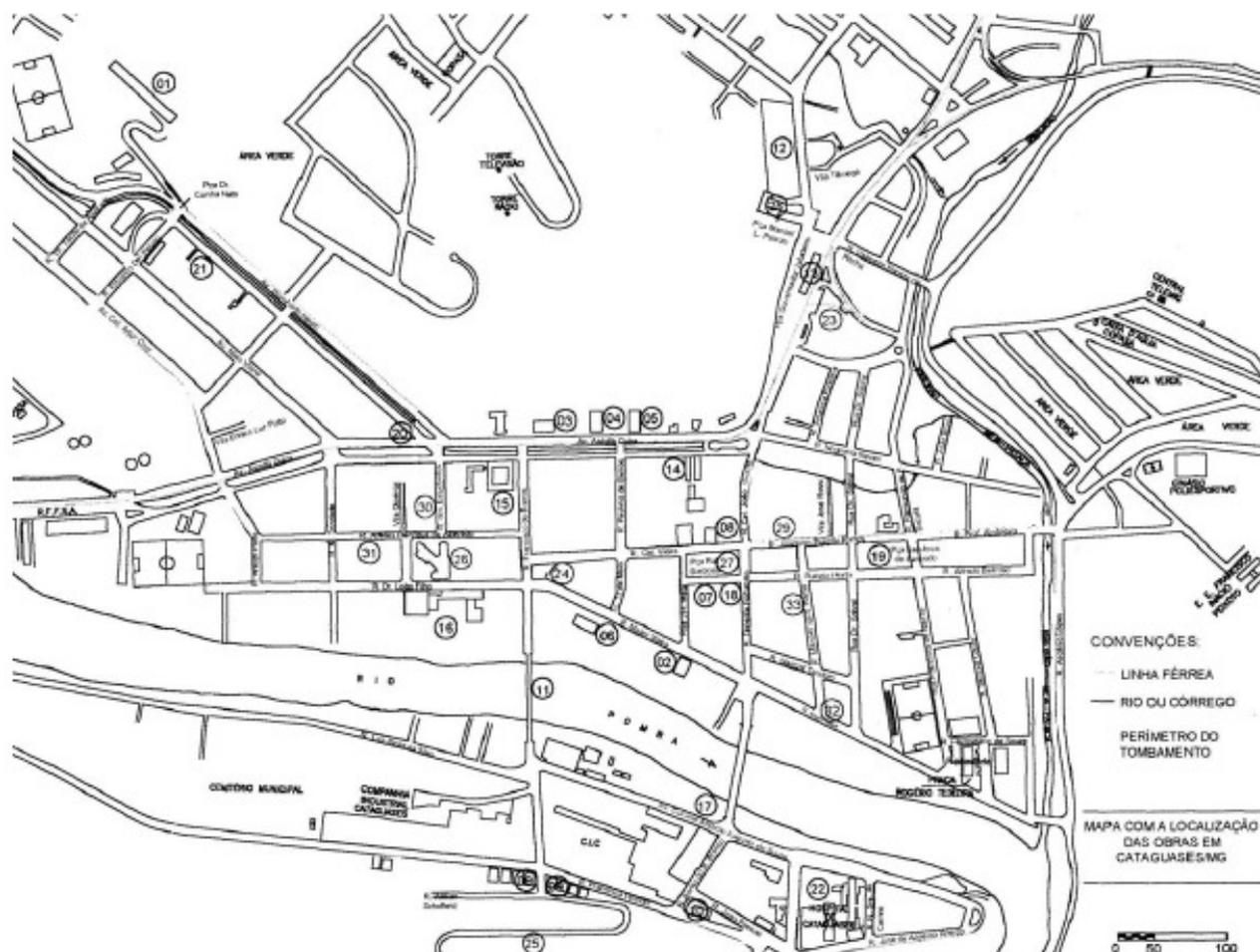
Livro Histórico

Inscrição:565 **data:**17-2-2003

N° Processo:1342-T-94

Anexo VI

Fonte: 4º Seminário DOCOMO Brasil / Viçosa, 30 de outubro a 2 de novembro de 2001
Roteiro de Cataguases



LEGENDA

Obras tombadas pelo IPHAN

1. Colégio Cataguases – projeto Oscar Niemeyer, 1945-49
2. Residência Francisco Inácio Peixoto – projeto Oscar Niemeyer, 1941-44
3. Residência Ottônio Alvim Gomes e Nanzita – projeto Francisco Bolonha, 1958
4. Residência José Pacheco de M. Filho – projeto Aldary Toledo, 1946
5. Residência José Peixoto – projeto Edgar Guimarães do Vale, 1948
6. Hotel Cataguases – projeto Aldary Toledo, Gilberto Lemos, 1946-51
7. Cine Teatro Edgar – projeto Aldary Toledo, Carlos Leão, 1946-53
8. Edifício "A Nacional" – projeto Marcelo e Milton Roberto, 1954-57
9. Conjunto de Residências Operárias – projeto Francisco Bolonha, Início dos anos 1950
10. Monumento a José Inácio Peixoto – projeto Francisco Bolonha, 1953
11. Ponte Metálica sobre o Rio Pomba, 1915 (conclusão da obra)
12. Fábrica de Fiação e Tecelagem Cataguases, 1905 (conclusão da obra)
13. Estação Ferroviária de Cataguases

Anexo VII

DECRETOS E LEIS DO MUNICÍPIO DE CATAGUASES RELATIVO AO PATRIMÔNIO PREFEITURA MUNICIPAL DE CATAGUASES

LEI Nº 1.210 /85

Estabelece a proteção do patrimônio histórico e artístico de Cataguases atendendo ao disposto artigo 180 da Constituição Federal, autoriza o Poder Executivo a instituir o Conselho Consultivo Municipal de Patrimônio Histórico e Artístico de Cataguases e dá outras providências.

Artigo 4º - As coisas tombadas não poderão ser destruídas, demolidas ou mutiladas, nem, sem prévia e expressa autorização especial da Prefeitura Municipal, ser reparadas, pintadas ou restauradas, sob pena de multa de 50% do valor da obra executada.

Artigo 5º - Sem prévia autorização da Prefeitura Municipal, não se poderá, na vizinhança da coisa tombada fazer edificação que lhe impeça ou reduza a visibilidade, nem nela colocar anúncios ou cartazes, sob pena de ser mandada destruir a obra irregular ou retirar o objeto, impondo-se, neste caso, multa de 50% do valor do mesmo objeto.

Artigo 7º- Os bens compreendidos na proteção da presente Lei ficam isentos do Imposto Predial e Territorial Urbano, enquanto o proprietário zelar sua conservação.

Parágrafo único- O benefício da isenção será renovado anualmente, mediante requerimento do interessado.

Gabinete do Prefeito Municipal de Cataguases, 28 de janeiro de 1985

Decreto nº1.118 / 85 – Cria o Conselho Consultivo Municipal de Patrimônio Histórico e Artístico de Cataguases e dá outras providências.

DECRETA:

Artigo 1º - Fica Criado o Conselho Consultivo Municipal de Patrimônio Histórico e Artístico de Cataguases, composto de 5 (cinco) membros e respectivos suplentes com as atribuições estabelecidas pela Lei 1.210/85.

Artigo 3º - São atribuições do Conselho Consultivo Municipal de Patrimônio Histórico e Artístico de Cataguases:

- I- Propor à PREFEITURA Municipal o tombamento dos bens móveis e imóveis, de propriedade pública ou particular, existentes no município, que, dotados de excepcional valor histórico, arqueológico, paisagístico, bibliográfico ou artístico, justifiquem o interesse público na sua preservação;
- II- Fundamentar propostas de tombamento, com todos os elementos indispensáveis ao convencimento da importância do bem a ser incluído na medida de proteção municipal, devendo constar da instrução, parecer de especialista na matéria, quando o Conselho poderá se recorrer à colaboração de técnicos das áreas específicas para a necessária consultoria.

- III- Encaminhar ao Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico – IEPHA/MG os processos de tombamento, devidamente instruídos, para o parecer final;
 - IV- Notificar os proprietários de bens cujo tombamento é proposto, para o fim de proteção prévia estabelecendo medida predatória para o tombamento;
 - V- Instruir projetos propostos para áreas tombadas, para despacho do Prefeito Municipal.
 - VI- Fiscalizar o cumprimento ao disposto no artigo 7º da Lei nº 1.210/85, para instruir os respectivos processos de isenção de impostos municipais, procedendo à vistoria do imóvel cujo benefício é pretendido;
 - VII- Propor planos de execução de serviços e obras ligados à proteção, conservação ou recuperação de bens definidos no inciso I do artigo 3º deste Decreto, sempre que o orçamento do município permitir.
- (...)

Artigo 4º - Parágrafo 2º

- O proprietário poderá impugnar o tombamento, no prazo de 10 dias do recebimento da Notificação, apresentando suas razões ao Conselho Consultivo, que, em igual prazo se manifestará, confirmando ou não o tombamento, fundamentando suas contra razões.

Gabinete do Prefeito Municipal de Cataguases, 08 de fevereiro de 1985.
Tarcísio Henriques

PREFEITURA MUNICIPAL DE CATAGUASES

LEI Nº 2.930/2000

Revoga e dá nova redação às Leis nº 2.101/93, de 20.04.93 e nº 2.901/99, de 23.11.99.

Artigo 1º - Fica instituído no âmbito do Município de Cataguases, o Projeto Cultural “Francisco Inácio Peixoto”.

Artigo 2º - O projeto cultural “Francisco Inácio Peixoto” consiste na concessão de incentivo fiscal para a realização de projetos culturais, de que trata o artigo 3º, a ser concedido à pessoa física ou jurídica domiciliada no Município.

1º - O incentivo fiscal se refere ao “caput” deste artigo, corresponderá ao recebimento, por parte de empreendedor de Projeto Cultural do Município, estabelecido no 3º, seja através de doação, patrocínio ou investimento, de certificados expedidos pelo Poder Executivo, correspondentes ao valor do incentivo autorizado.

2º - Os portadores dos certificados poderão utilizá-los para pagamento dos Impostos Sobre Serviços de Qualquer Natureza – ISSQN e sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana – IPTU, até o limite de 50% (cinquenta por cento) do valor devido a cada incidência dos tributos, observando o cronograma financeiro do projeto aprovado pela comissão.

3º - O valor que deverá ser usado como incentivo cultural anualmente, não poderá ser inferior a 5% (cinco por cento), nem superior a 15% (quinze por cento) da receita proveniente do ISSQN e do IPTU, a ser fixado na Lei Orçamentária.

4º - Fica estipulado que o valor do incentivo cultural corresponderá a 5 % (cinco por cento) do ISSQN e do IPTU arrecadados no ano imediatamente anterior, excetuando-se as taxas, e será depositado em conta bancária, em Banco Oficial e gerida pelo proponente.

Artigo 3º _ Os projetos culturais a serem beneficiados pela presente Lei, de forma a incentivar a implantação e o desenvolvimento de atividades culturais que existam ou que venham a existir no âmbito do Município, deverão estar enquadradas nas seguintes áreas:

- I- produção ou realização de projetos de música e dança;
- II- produção teatral, operística e circense;
- III- produção e exposição de fotografias, cinema e vídeo;
- IV- criação literária e publicação de livros, revistas, catálogos de arte;
- V- produção e exposição de artes plásticas, artes gráficas e filatelia;
- VI- produção e apresentação de espetáculos folclóricos, capoeiras e exposição de...
- VII- construção, conservação e manutenção de museus , arquivos, bibliotecas e centros culturais;
- VIII- Levantamento, estudo e pesquisa na área cultural e artística;
- IX- Realização de cursos de caráter cultural ou artístico destinados à formação, especialização e aperfeiçoamento de pessoal na área de cultura em estabelecimentos de ensino sem fins lucrativos.

PAULO SCHELB – PREFEITO MUNICIPAL
OCTACÍLIO PASSOS – SECRETÁRIO DE ADMINISTRAÇÃO

Fonte: Encontrado em: www.cataguases.mg.gov.br. Acesso em outubro de 2007.

Anexo VIII

Descrição do Mural: A lenda sobre o rapto de Helena de Tróia.

Referência Histórica:

Na época homérica, a moral não se apoiava em qualquer base de sanções sobrenaturais – seu verdadeiro fundamento era militar – as virtudes louvadas nos cantos épicos eram a bravura, o autoritarismo, o devotamento, os amigos e o ódio aos inimigos. Quase todas as divindades gregas eram capazes tanto do mal quanto do bem – às vezes enganavam os homens e os induziam em erro, e participavam das contendas humanas.

Descrição do painel:

Da esquerda para a direita, vê-se o Monte Olimpo, morada dos deuses. Logo abaixo, Mercúrio, mensageiro dos deuses, flutuando, observa Paris entregar uma maçã para a deusa Afrodite, escolhida por ele como a mais bela, entre Hera e Atena (Paris foi subornado por Afrodite, que lhe prometera a mais bela do mundo, que era Helena, esposa de Menelau, rei de Tróia). Aproveitando a ausência de Menelau, Paris rapta Helena o que desencadeia uma violenta guerra. Vemos na representação da batalha, a deusa Palas Atena olhando-a com expressão imparcial. A batalha é muito bem caracterizada – soldados fortemente armados, mortos e feridos; cavalos com expressão de ódio se defrontam, porque pertencem a exércitos antagônicos; e a batalha mostra Aquiles matando o guerreiro Heitor, que perdera a proteção do deus Apolo, o qual está caracterizado no painel, com uma harpa nas mãos, indiferente ao incêndio que assola Tróia.

Observação:

No painel, as figuras têm dimensões humanas e são esguias. A impressão que se tem quando se depara com o painel, é de se estar diante da realidade tal como os gregos a viam, pois o mundo para eles era dramático, feito de ações e poderes conflitantes.

Descrição feita por:

Mariana Cândida Garcia Cardoso de Almeida – Historiadora e Pesquisadora.

Marcos Vinícius Ferreira de Oliveira – Professor de Literatura e Pesquisador.

FONTE: Folder / Catálogo Residência Atelier Pintora Nanzita. Cataguases, 2007.

“Criei o painel: “A lenda sobre o rapto de Helena de Tróia”, mas cabe às pessoas interpretá-lo. A arte não se explica, a pessoa que a vê desenvolve a sua sensibilidade na interpretação da técnica e das cores”.

(Emeric Marcier)